

# A ARTE DA PESQUISA

Wayne C. Booth  
Gregory G. Colomb  
Joseph M. Williams

Tradução  
HENRIQUE A. REGO MONTEIRO

**Martins Fontes**  
São Paulo 2008

## Índice

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título  
THE CRAFT OF RESEARCH por University of Chicago Press.  
Licenced by The University Of Chicago Press, Chicago, Illinois, EUA.  
Copyright © 1995 by The University of Chicago. All rights reserved.  
Copyright © 2000, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,  
São Paulo, para a presente edição.

1ª edição 2000  
2ª edição 2005  
2ª tiragem 2008

Coordenação da tradução  
WILSON ROBERTO GAMBETA  
Tradução  
HENRIQUE A. REGO MONTEIRO

Revisão da tradução e técnica  
Vera Maria Marques  
Preparação do original  
Eliane Rodrigues de Abreu  
Revisões gráficas  
Ana Maria de Oliveira Mendes Barbosa  
Ivany Picasso Batista  
Produção gráfica  
Geraldo Alves  
Paginação/Fotolitos  
Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Booth, Wayne C.  
A arte da pesquisa / Wayne C. Booth, Gregory G. Colomb,  
Joseph M. Williams ; tradução Henrique A. Rego Monteiro. –  
2ª ed. – São Paulo : Martins Fontes, 2005. – (Ferramentas)

Título original: The craft of research.  
ISBN 85-336-2157-4

1. Pesquisa – Metodologia 2. Redação técnica I. Colomb,  
Gregory G.. II. Williams, Joseph M.. III. Título. IV. Série.

05-4392 CDD-001.42

Índices para catálogo sistemático:  
1. Metodologia 001.42  
2. Metodologia da pesquisa 001.42  
3. Pesquisa : Metodologia 001.42

Todos os direitos desta edição reservados à  
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil  
Tel. (11) 3241.3677 Fax (11) 3105.6993

e-mail: info@martinsfonteseditora.com.br http://www.martinsfonteseditora.com.br

Prefácio.....	XI
<b>I. Pesquisa, pesquisadores e leitores .....</b>	<b>1</b>
<i>Prólogo: Iniciando um projeto de pesquisa .....</i>	<i>1</i>
1. <i>Pensar por escrito: os usos público e privado da</i> <i>pesquisa .....</i>	<i>7</i>
1.1 Por que pesquisar?.....	7
1.2 Por que redigir um relatório?.....	9
1.3 Por que elaborar um documento formal? .....	11
2. <i>Relacionando-se com seu leitor: (re)criando a si mes-</i> <i>mo e a seu público .....</i>	<i>15</i>
2.1 Diálogos entre pesquisadores .....	15
2.2 Autores, leitores e seus papéis sociais.....	17
2.3 Leitores e seus problemas comuns .....	24
2.4 Autores e seus problemas comuns.....	29
SUGESTÕES ÚTEIS: Lista de verificação para ajudá-lo a com- preender seus leitores .....	32
<b>II. Fazendo perguntas, encontrando respostas.....</b>	<b>35</b>
<i>Prólogo: Planejando seu projeto.....</i>	<i>35</i>
SUGESTÕES ÚTEIS: Trabalhando em grupo.....	38

3. <i>De tópicos a perguntas</i> .....	45
3.1 Interesses, tópicos, perguntas e problemas .....	45
3.2 De um interesse a um tópico .....	46
3.3 De um tópico amplo a um específico .....	48
3.4 De um tópico específico a perguntas .....	50
3.5 De uma pergunta à avaliação de sua importância .....	54
SUGESTÕES ÚTEIS: Descobrindo tópicos .....	59
4. <i>De perguntas a problemas</i> .....	63
4.1 Problemas, problemas, problemas .....	64
4.2 A estrutura comum dos problemas .....	68
4.3 Descobrindo um problema de pesquisa .....	77
4.4 O problema do problema .....	81
5. <i>De perguntas a fontes de informações</i> .....	85
5.1 Encontrando informações em bibliotecas .....	86
5.2 Colhendo informações com pessoas .....	91
5.3 Trilhas bibliográficas .....	94
5.4 O que você encontra .....	95
6. <i>Usando fontes de informações</i> .....	97
6.1 Usando fontes secundárias .....	97
6.2 Leia criticamente .....	99
6.3 Faça anotações completas .....	100
6.4 Peça ajuda .....	107
SUGESTÕES ÚTEIS: Leitura rápida .....	108
<b>III. Fazendo uma afirmação e sustentando-a</b> .....	113
<i>Prólogo: Argumentos, rascunhos e discussões</i> .....	113
7. <i>Criando bons argumentos: uma visão geral</i> .....	117
7.1 Discussões e argumentos .....	117
7.2 Afirmações e evidências .....	119
7.3 Fundamentos .....	120
7.4 Ressalvas .....	122
8. <i>Afirmações e evidências</i> .....	125
8.1 Fazendo afirmações de peso .....	125

8.2 Usando afirmações plausíveis para orientar sua pesquisa .....	128
8.3 Apresentando evidências confiáveis .....	129
8.4 Usando evidências para desenvolver e organizar seu relatório .....	138
SUGESTÕES ÚTEIS: Uma sistemática de contradições .....	142
9. <i>Fundamentos</i> .....	147
9.1 Fundamento: a base de nossa convicção e de nossa argumentação .....	147
9.2 Com que se parece um fundamento? .....	150
9.3 A qualidade dos fundamentos .....	152
SUGESTÕES ÚTEIS: Contestando fundamentos .....	167
10. <i>Qualificações</i> .....	173
10.1 Uma revisão .....	173
10.2 Qualificando seu argumento .....	176
10.3 Elaborando um argumento completo .....	186
10.4 O argumento como guia para a pesquisa e a leitura .....	188
10.5 Algumas palavras sobre sentimentos fortes .....	189
SUGESTÕES ÚTEIS: Argumentos – duas armadilhas comuns ..	191
<b>IV. Preparando-se para redigir, redigindo e revisando</b> .....	195
<i>Prólogo: Planejando novamente</i> .....	195
SUGESTÕES ÚTEIS: Preparando o esboço .....	199
11. <i>Pré-rascunho e rascunho</i> .....	203
11.1 Preliminares para o rascunho .....	203
11.2 Planejando sua organização: quatro armadilhas .....	206
11.3 Um plano para o rascunho .....	209
11.4 Criando um rascunho passível de revisão .....	216
11.5 Uma armadilha a evitar a todo custo .....	218
11.6 As últimas etapas .....	222
SUGESTÕES ÚTEIS: Usando citações e paráfrases .....	225

12. <i>Apresentação visual das evidências</i> .....	229
12.1 Visual ou verbal? .....	229
12.2 Alguns princípios gerais de elaboração .....	232
12.3 Tabelas .....	234
12.4 Diagramas .....	237
12.5 Gráficos .....	244
12.6 Controlando o impacto retórico de um recurso visual .....	246
12.7 Comunicação visual e ética .....	249
12.8 Ligando palavras a imagens .....	251
12.9 Visualização científica .....	252
12.10 Ilustrações .....	252
12.11 Tornando visível a lógica de sua organização .....	253
12.12 Usando recursos visuais como um auxílio à reflexão .....	255
SUGESTÕES ÚTEIS: Pequeno guia para recorrer a um orientador .....	257
13. <i>Revisando sua organização e argumentação</i> .....	259
13.1 Pensando como leitor .....	259
13.2 Analisando e revisando sua organização .....	260
13.3 Revisando seu argumento .....	268
13.4 O último passo .....	271
SUGESTÕES ÚTEIS: Títulos e sumários .....	272
14. <i>Revisando o estilo: contando sua história com clareza</i> .....	277
14.1 Avaliando o estilo .....	277
14.2 Primeiro princípio: histórias e gramática .....	279
14.3 Segundo princípio: o antigo antes do novo .....	289
14.4 Escolhendo entre as vozes ativa e passiva .....	291
14.5 Um último princípio: o mais complexo por último .....	293
14.6 Polimento final .....	296
SUGESTÕES ÚTEIS: Uma rápida revisão .....	297
15 <i>Introduções</i> .....	299

15.1 Os três elementos de uma introdução .....	299
15.2 Declare o problema .....	302
15.3 Criando uma base comum de compreensão compartilhada .....	308
15.4 Desestabilize a base comum, enunciando seu problema .....	309
15.5 Apresente sua solução .....	313
15.6 Rápido ou devagar? .....	316
15.7 A introdução como um todo .....	317
SUGESTÕES ÚTEIS: As primeiras e as últimas palavras .....	319
<b>V. Considerações finais</b> .....	325
<i>Pesquisa e ética</i> .....	325
<i>Pós-escrito aos professores</i> .....	329
<i>Ensaio bibliográfico</i> .....	337
<i>Índice remissivo</i> .....	345

## *Prefácio*

ESCREVEMOS ESTE LIVRO pensando nos pesquisadores estudantes, desde os novatos mais inexperientes até os profissionais, cursando pós-graduação. Com ele esperamos:

- atrair a atenção dos pesquisadores iniciantes para a natureza, os usos e os objetivos da pesquisa e de seus relatórios;
- orientar os pesquisadores iniciantes e intermediários quanto às complexidades do planejamento, da organização e da elaboração do esboço de um relatório que proponha um problema significativo e ofereça uma solução convincente;
- mostrar a todos os pesquisadores, do iniciante ao avançado, como ler seus relatórios da maneira como os leitores o fariam, identificando passagens em que eles provavelmente encontrariam dificuldade e alterando-as rápida e eficazmente.

Embora outros manuais sobre pesquisa abordem algumas dessas questões, este se diferencia de diversas maneiras.

Muitos manuais em circulação reconhecem que os pesquisadores não seguem a seqüência que vai de encontrar um tópico ao estabelecimento de uma tese, de preencher fichas de anotações à elaboração de um rascunho e à revisão. Como sabe qualquer um que já tenha passado por essa experiência, a pesquisa na realidade anda para a frente e para trás, avançando um passo ou dois e recuando, ao mesmo tempo antecipando etapas ainda não iniciadas e, então, prosseguindo uma vez mais. Mas, até onde sabemos, nenhum manual tentou mostrar como cada parte do processo influencia todas as outras – como o ato de fazer perguntas sobre um tópico pode preparar o pesquisador para

redigir o rascunho, como o processo de redigir o rascunho pode revelar problemas com um argumento, como os elementos de uma boa introdução podem mandar o pesquisador de volta à biblioteca para pesquisar mais.

Este livro explica por que os pesquisadores devem trabalhar simultaneamente nos diversos estágios de seu projeto, como essa sobreposição pode ajudá-los a compreender melhor o problema e a administrar a complexidade que esse processo acarreta. Isso significa, é claro, que você terá de ler este livro duas vezes, porque mostraremos não apenas como os estágios anteriores antecipam os posteriores, mas também como os posteriores motivam os anteriores.

Em virtude da complexidade que uma pesquisa envolve, fomos explícitos a respeito do maior número possível de etapas, incluindo algumas geralmente tratadas como partes de um misterioso processo criativo. Entre os assuntos que “destrinchamos” estão os seguintes:

- como converter o interesse por um assunto em um tópico, esse tópico em algumas boas perguntas e as respostas a essas perguntas na solução de um problema;
- como criar um argumento que satisfaça o desejo dos leitores de saber por que deveriam aceitar sua afirmação;
- como prever as objeções de leitores sensatos, mas céticos, e como qualificar adequadamente os argumentos;
- como criar uma introdução que “venda” a importância do problema de sua pesquisa aos leitores;
- como redigir conclusões que façam o leitor compreender não apenas a afirmação principal, mas também sua mais ampla importância;
- como ler seu próprio texto da maneira como os outros o fariam, e assim saber melhor que pontos alterar e como.

Sabemos que alguns pesquisadores iniciantes seguirão nossas sugestões de um modo que poderia ser considerado mecânico. Não estamos muito preocupados com isso, porque acreditamos que é melhor alcançar um objetivo mecanicamente do que não alcançar objetivo nenhum. Acreditamos também que os professores podem confiar nos alunos, sabendo que eles supe-

irão as inevitáveis dificuldades iniciais. Todos nós tendemos a agir mecanicamente quando experimentamos uma técnica pela primeira vez, mas finalmente conseguimos ocultar seus automatismos por trás de seu sentido verdadeiro.

Outro aspecto distinto deste livro é que encorajamos insistentemente os pesquisadores a pensarem em seus leitores e mostramos claramente como fazê-lo, explicando como os leitores lêem. O objetivo de um relatório de pesquisa é estabelecer um diálogo com pessoas que possam não estar dispostas a mudar de opinião mas que, por boas razões, acabam mudando. E é em seu relatório que você mantém esse diálogo. À medida que o lêem, os leitores esperam encontrar determinados indícios de organização; preferem certos padrões de estilo; tacitamente fazem perguntas, levantam objeções, querem ver os assuntos apresentados de modo mais explícito do que você pode achar necessário. Acreditamos que, se você entender como os leitores lêem e souber como satisfazer suas expectativas da melhor maneira possível, terá uma ótima oportunidade de ajudá-los a ver as coisas do seu jeito.

Concentramo-nos no processo de fazer tudo isso, mostrando como as características formais do “produto” – o relatório – podem ajudá-lo no processo de planejamento e criação. Conforme você verá, os elementos de um relatório, sua estrutura, seu estilo e suas convenções formais não são fórmulas vazias que os redatores imitam só porque milhares de outros antes deles as usaram. Tais formatos e modelos são o meio pelo qual os pesquisadores, iniciantes ou experientes, testam seu trabalho, avaliam sua compreensão do assunto e até mesmo encontram novas direções a seguir. Em outras palavras, acreditamos que as exigências formais do produto não só orientam o pesquisador ao longo do processo de criação, como também contribuem para desenvolver sua criatividade.

Tentamos ainda indicar o que os pesquisadores em diferentes estágios de sua vida profissional deveriam saber e ser capazes de fazer. Se você está diante de seu primeiro projeto de pesquisa, deve ter uma idéia do que os pesquisadores experientes fariam, mas não se preocupe se não conseguir fazer tudo. Deve

saber, no entanto, o que provavelmente seus professores esperam de *você*, ainda mais se estiver se preparando para ser um pesquisador sério. Portanto, vez por outra avisamos que vamos apresentar um assunto particularmente importante para pesquisadores experientes. Os que estiverem apenas se iniciando podem sentir-se tentados a pular essas partes. Esperamos que não o façam.

Este livro originou-se da convicção que temos de que as técnicas de fazer e relatar pesquisas não só podem ser aprendidas como também ensinadas. Sempre que pudemos explicar claramente as etapas do processo, explicamos. Quando não, tentamos delinear seus contornos gerais. Alguns aspectos da pesquisa podem ser aprendidos apenas no contexto de uma comunidade de pesquisadores comprometidos com tópicos e maneiras de pensar particulares, interessados em compartilhar com outros o fruto de seu trabalho. Mas, quando um contexto desses não está disponível, os estudantes ainda podem aprender importantes técnicas de pesquisa através de instrução direta e levá-las às comunidades de que pretendam participar. Analisamos algumas maneiras específicas de fazer isso em nosso “Pós-escrito aos professores”.

Este livro também teve origem em nossa experiência, que nos ensinou que pesquisa não é o tipo de coisa que se aprenda de uma vez por todas. Nós três já deparamos com projetos de pesquisa que nos forçaram a refrescar a memória quanto à maneira de pesquisar, mesmo depois de décadas de experiência. Nos momentos em que tivemos de nos adaptar a uma nova comunidade de pesquisa, ou a mudanças na nossa própria, usamos os princípios apresentados aqui para conseguirmos nos concentrar naquilo que era mais importante para os leitores. Assim, escrevemos um livro que você poderá consultar sempre que as circunstâncias exigirem, o qual, esperamos, será útil muitas vezes, acompanhando seu crescimento como pesquisador.

Queremos agradecer às pessoas que nos ajudaram a realizar este projeto. Entre elas incluem-se seus primeiros leitores: Steve Biegel, Jane Andrew e Donald Freeman. O capítulo sobre

a apresentação visual de dados foi melhorado significativamente após os comentários de Joe Harmon e Mark Monmonier. Estamos em débito também com os integrantes do departamento editorial da Universidade de Chicago que, desde que concordamos em assumir este projeto, quase uma década atrás, não nos largaram enquanto não o terminamos.

Da parte de WCB: Além das centenas de pessoas que me ensinaram aquilo que foi minha contribuição para este livro, gostaria de agradecer a minha esposa, Phyllis, minhas duas filhas, Katherine e Alison, meus três netos, Emily, Robin e Aaron, pois, juntos, esses seis me mantiveram otimista quanto ao futuro da investigação responsável.

Da parte de GGC: Ao longo de momentos tumultuados e calmos, ao longo de períodos criativos e improdutivos, sempre tive minha casa e minha família – Sandra, Robin, Karen e Lauren – como ponto de referência e de apoio.

Da parte de JMW: Joan, Megan, Ol, Chris, Dave e Joe me apoiaram, tanto quando estávamos juntos, como separados. Juntos é melhor.

## PARTE I

# Pesquisa, pesquisadores e leitores

## *Prólogo: Iniciando um projeto de pesquisa*

SE VOCÊ ESTÁ COMEÇANDO seu primeiro projeto de pesquisa, talvez sinta-se um tanto intimidado pela aparente dificuldade da tarefa. Como procurar um assunto? Onde encontrar informações relevantes, como organizá-las depois? Mesmo que já tenha escrito um relatório de pesquisa num curso de redação, a idéia de escrever outro pode lhe parecer ainda mais perturbadora, caso agora, pela primeira vez, você precise apresentar um trabalho *de verdade*. Até mesmo pesquisadores experientes sentem-se um pouco ansiosos ao iniciarem um projeto, especialmente se for diferente dos outros que já executaram. Assim, seja qual for sua preocupação no momento, todos os pesquisadores já a tiveram – e muitos ainda a têm. A diferença é que pesquisadores experientes sabem o que encontrarão pela frente: trabalho árduo, mas também o prazer da investigação, alguma frustração, mas compensada por uma satisfação ainda maior, momentos de indecisão, mas a confiança de que, no final, tudo irá se encaixar.

### Fazendo planos

Pesquisadores experientes também sabem que, como qualquer outro projeto complexo, a pesquisa será mais facilmente organizada caso se disponha de um plano, por mais tosco que seja. Antes de começar o trabalho, pode ser que eles não façam idéia exatamente do que estão procurando, mas sabem, de ma-

neira geral, de que tipo de material vão precisar, como encontrá-lo e como utilizá-lo. E, uma vez reunido esse material, pesquisadores competentes não começam simplesmente a escrever, assim como construtores competentes não vão logo serrando a madeira. *Eles planejam o tipo e a forma do produto que pretendem obter, um produto que exprima sua intenção de alcançar um determinado resultado e cujas partes todas sejam planejadas contribuindo para a obtenção desse resultado.* Isso, porém, não quer dizer que bons pesquisadores prendam-se totalmente ao plano que traçaram. Estão sempre prontos a modificar os planos, se encontram um problema ou se, de repente, compreendem melhor o projeto, ou descobrem, de alguma maneira, um objetivo mais interessante que os conduza por um novo caminho. Mas todos sempre começam com um propósito e algum tipo de planejamento.

Na verdade, quase todo projeto de redação começa com um plano que visa produzir um documento de formato específico, geralmente moldado pela experiência de gerações de escritores, que adotam certos formatos não só para agradar os editores ou supervisores, mas para se pouparem do trabalho de inventar um novo formato para cada projeto e, tão importante quanto isso, para ajudar os leitores a identificarem seus objetivos. Um repórter sabe que tem de adotar o formato de pirâmide invertida numa reportagem, começando o texto com a informação de maior interesse, não em *seu* benefício, mas para que *nós, leitores*, possamos desde logo identificar a essência da notícia e decidir se continuaremos a ler ou não. O formato de um relatório de auditoria orienta o contador quanto às informações que deverá incluir, mas também ajuda os *acionistas* a encontrar os dados necessários para a avaliação da empresa como investimento. Uma enfermeira sabe o que escrever no prontuário do paciente, de modo que as *outras* enfermeiras possam utilizá-lo, e um policial redige o boletim de ocorrência num formato padronizado, pensando naqueles que mais tarde irão investigar o crime. Do mesmo modo, os leitores tiram maior proveito da leitura de um relatório quando o pesquisador relata os resultados de sua pesquisa num formato que lhes seja familiar.

É claro que, mesmo limitado por esses formatos, quem redige tem a liberdade de adotar diferentes pontos de vista, enfatizar uma variedade de idéias e imprimir uma feição personalizada ao seu trabalho. No entanto, seguindo um planejamento padronizado, estará beneficiando tanto a ele mesmo quanto aos leitores, tornando mais fácil o trabalho de redigir e de ler.

O objetivo deste livro é ajudar você a criar e seguir esse planejamento.

### A importância da pesquisa

Antes de mais nada, responda a uma pergunta: além de uma nota de avaliação, o que a pesquisa representa para você? Uma resposta, que muitos poderão considerar idealista, é que a pesquisa oferece o prazer de resolver um enigma, a satisfação de descobrir algo novo, algo que ninguém mais conhece, contribuindo, no final, para o enriquecimento do conhecimento humano. Para o pesquisador iniciante, no entanto, existem outros benefícios, mais práticos e imediatos. Em primeiro lugar, a pesquisa o ajudará a compreender o assunto estudado de um modo muito melhor do que qualquer outro tipo de trabalho. A longo prazo, as técnicas de pesquisa e redação, uma vez assimiladas, capacitarão o pesquisador a trabalhar por conta própria mais tarde, pois, afinal, coletar informações, organizá-las de modo coerente e apresentá-las de maneira confiável e convincente são habilidades indispensáveis, numa época apropriadamente chamada de “Era da Informação”. Em qualquer campo do conhecimento, você vai precisar das técnicas que só a pesquisa é capaz de ajudá-lo a dominar, seja seu objetivo o projeto, ou a linha de produção.

As técnicas de pesquisa e redação são igualmente importantes para quem usa pesquisas de outras pessoas, e hoje em dia isso inclui todos nós. Somos inundados por informações, cuja maior parte destina-se a servir aos interesses comerciais ou políticos de alguém. Mais do que nunca, a sociedade precisa de pessoas com espírito crítico, capazes de examinar uma pes-

quisa, fazer suas próprias indagações e encontrar as respostas. Só depois de passar pelo processo incerto e geralmente confuso de conduzir sua própria pesquisa, você saberá avaliar de modo inteligente as pesquisas dos outros. Redigindo seu próprio relatório, entenderá o tipo de trabalho que há por trás das afirmações dos especialistas e do que é encontrado em livros didáticos. Descobrirá, em primeira mão, como o conhecimento se desenvolve a partir de respostas a indagações de uma pesquisa, como esse novo conhecimento depende das perguntas que você faz ou deixa de fazer, como essas perguntas dependem não apenas de seus interesses e metas, mas também dos interesses e metas dos leitores, e como os formatos padronizados de apresentação da pesquisa modelam o tipo de perguntas que você faz, podendo até determinar as que *pode* fazer.

Mas sejamos francos: a redação de um relatório de pesquisa exige muito. São muitas as tarefas envolvidas, todas pedindo sua atenção, geralmente ao mesmo tempo. Por mais cuidadoso que você seja no planejamento, a pesquisa seguirá um caminho tortuoso, dando guinadas imprevisíveis, podendo dar voltas sobre si mesma. As etapas se sobrepõem: todos nós fazemos um esboço antes de terminar a pesquisa, continuamos a pesquisar depois de começar o rascunho. Alguns trabalham mais no final do projeto, só reconhecendo o problema que tentaram resolver depois de encontrar a solução. Outros partem atrasados para a etapa do rascunho, fazendo a maior parte do trabalho de tentativa e erro, não no papel, mas de cabeça. Cada redator tem um estilo diferente, e, considerando que os projetos diferem uns dos outros, um único planejamento não pode resolver todos os problemas.

Por mais complexo que seja o processo, no entanto, iremos tratá-lo passo a passo, de modo que você possa avançar com segurança, mesmo quando deparar com as inevitáveis dificuldades e confusões que todo pesquisador enfrenta, mas que acaba aprendendo a superar. Quando conseguir administrar as partes, você conseguirá administrar o todo, e estará pronto para iniciar novas pesquisas com maior confiança.

### Como usar este livro

A melhor maneira de você lidar com essa complexidade (e com a ansiedade que poderá causar) é ler este livro uma vez, rapidamente, para saber o que irá encontrar. Então, dependendo de seu grau de experiência, defina quais partes de seu trabalho parecem fáceis ou difíceis *para você*. Quando começar a trabalhar, leia com mais atenção os capítulos pertinentes à tarefa que tem em mãos. Se você é um pesquisador inexperiente, comece pelo começo. Se está num curso avançado, mas ainda não se sente muito à vontade em seu campo de estudo, salte a Parte I, leia a II, mas concentre-se na III e na IV. Se é um pesquisador experiente, talvez ache mais úteis o Capítulo 4 da Parte II, os Capítulos 9 e 10 da Parte III e a Parte IV inteira.

Na Parte I, apresentamos algumas questões sempre levantadas por aqueles que fazem sua primeira pesquisa: por que os leitores esperam que se redija de determinada maneira (Capítulo 1) e por que se deve conceber o projeto não como um trabalho isolado, mas como um diálogo com os pesquisadores cujos trabalhos você irá consultar e também com aqueles que irão ler seu trabalho (Capítulo 2).

Na Parte II, analisamos o processo de elaboração de seu projeto: como encontrar um assunto, sintetizá-lo, questioná-lo e justificá-lo (Capítulo 3), como transformar essas questões em um problema de pesquisa (Capítulo 4), como encontrar e utilizar fontes bibliográficas que orientem a busca de respostas (Capítulo 5) e como refletir sobre o que foi encontrado (Capítulo 6).

Na Parte III, discutimos a natureza de um bom argumento de pesquisa. Começamos com uma visão geral do que vem a ser um argumento de pesquisa (Capítulo 7), então explicamos que afirmações são consideradas significativas e que evidências em seu favor são confiáveis (Capítulo 8). Analisamos um elemento abstrato mas decisivo do argumento de pesquisa, chamado de "fundamento" (Capítulo 9), e concluímos com uma descrição do modo como todo redator deve apresentar objeções, estipular condições limitadoras e exprimir condições de incerteza (Capítulo 10).

Na Parte IV, comentamos as etapas do processo de redação do relatório final, começando pelo esboço (Capítulo 11). Em seguida, abordamos um assunto que geralmente não aparece em livros deste tipo: como transmitir visualmente informações complexas, mesmo aquelas que não sejam quantitativas (Capítulo 12). Os dois capítulos subseqüentes são dedicados à verificação e correção da organização do relatório (Capítulo 13) e seu estilo (Capítulo 14). A seguir, explicamos como redigir uma introdução que convença os leitores de que o conteúdo do relatório compensará o tempo que eles gastarão na leitura (Capítulo 15). Por fim, nos estendemos por mais algumas páginas, numa reflexão sobre algo além das técnicas de execução de uma pesquisa: a questão da ética da pesquisa, em uma sociedade que cada vez mais depende de seus resultados.

Nos intervalos entre os capítulos, você encontrará “Sugestões úteis”, breves inserções que complementam os capítulos. Algumas dessas sugestões são para a aplicação do que você aprendeu nos capítulos, outras são considerações suplementares para alunos adiantados, e muitas tratam de questões não apresentadas nos capítulos, mas todas acrescentam algo novo.

A pesquisa é um trabalho árduo, mas, assim como todo trabalho desafiador bem feito, tanto o processo quanto os resultados trazem enorme satisfação pessoal. Além disso, as pesquisas e seus resultados são também atos sociais, que exigem uma reflexão constante sobre a relação de seu trabalho com os leitores e sobre sua responsabilidade, não apenas perante o tema e você mesmo, mas também perante eles, especialmente se acredita que o que tem a dizer é algo bastante importante para levar os leitores a mudar de vida, modificando o modo de pensar.

## Capítulo 1

### *Pensar por escrito: os usos público e privado da pesquisa*

AO ENTRAR NA SALA de leitura de uma biblioteca, você vê a sua volta séculos de pesquisa, o trabalho de dezenas de milhares de pesquisadores que pensaram longamente sobre incontáveis questões e problemas, colheram informações, deram respostas e soluções e, então, compartilharam tudo isso com os outros. Professores de todos os níveis educacionais dedicam a vida à pesquisa, governos gastam bilhões nessa área, as empresas até mais. A pesquisa avança em laboratórios, em bibliotecas, nas selvas, no espaço, nos oceanos e em cavernas abaixo deles. A pesquisa e sua divulgação constituem uma indústria enorme no mundo atual. Maior ainda é a divulgação de seus relatórios. Quem não for capaz de fazer uma pesquisa confiável, nem relatórios confiáveis sobre a pesquisa de outros, acabará por se achar à margem de um mundo que cada vez mais vive de informação.

#### 1.1 Por que pesquisar?

Você já sabe o que é pesquisa, porque é o que faz todos os dias. Pesquisar é simplesmente *reunir informações necessárias para encontrar resposta para uma pergunta e assim chegar à solução de um problema*.

PROBLEMA: Depois de um dia de compras, você percebe que sua carteira sumiu.

PESQUISA: Você se lembra dos lugares onde esteve e começa a telefonar aos departamentos de achados e perdidos.

PROBLEMA: Você precisa de uma nova junta de cabeçote para um Mustang modelo 1965.

PESQUISA: Você liga para as lojas de autopeças para descobrir qual delas tem a peça em estoque.

PROBLEMA: Você precisa saber onde Betty Friedan nasceu.

PESQUISA: Você vai à biblioteca para procurar a informação no *Quem É Quem*.

PROBLEMA: Você ouviu falar de uma nova espécie de peixe e quer saber mais a respeito.

PESQUISA: Você pesquisa nos arquivos dos jornais, à procura de uma reportagem sobre o assunto.

Entretanto, embora quase todos nós façamos esse tipo de pesquisa diariamente, poucos precisam redigir um relatório a respeito, porque nossa pesquisa normalmente é feita apenas para nosso próprio uso. Mesmo assim, temos de confiar nas pesquisas de outros que registraram por escrito seus resultados, prevendo que um dia poderíamos precisar dessas informações para resolver um problema: a companhia telefônica pesquisou para compor a lista telefônica; os fornecedores de autopeças pesquisaram para montar seus catálogos; o autor do artigo do *Quem É Quem* pesquisou sobre Betty Friedan; os jornalistas pesquisaram sobre o peixe.

De fato, as pesquisas feitas por outros determinam a maior parte daquilo em que todos nós acreditamos. Dos três autores deste livro, apenas Williams já esteve na Austrália, mas Booth e Colomb acreditam na existência da Austrália: *sabem* que ela está lá, porque durante toda a vida leram sobre o assunto em relatórios em que confiaram, viram o país em mapas fidedignos e ouviram Williams falar pessoalmente a respeito. Ninguém jamais esteve em Vênus, mas boas fontes nos indicam que é um planeta quente, seco e montanhoso. Sempre que procuramos algo em um dicionário ou uma enciclopédia, estamos pesquisando através de pesquisas de outros, mas só podemos confiar no que encontramos se aqueles que fizeram a pesquisa a conduziram com cuidado e apresentaram um relatório preciso.

De fato, sem pesquisas confiáveis *publicadas*, seríamos prisioneiros apenas do que vemos e ouvimos, confinados às opiniões do momento. Sem dúvida, a maioria de nossas opiniões cotidianas é bem fundamentada (afinal de contas, tiramos muitas delas de nossas próprias pesquisas e experiências). Mas idéias errôneas, até mesmo estranhas e perigosas, florescem, porque muitas pessoas aceitam o que ouvem, ou aquilo em que desejam acreditar, sem provas válidas e, quando agem de acordo com essas opiniões, podem levar a si mesmas, e também a nós, ao desastre. Só quando sabemos que podemos confiar na pesquisa de outros somos capazes de nos libertar daqueles que, controlando nossas crenças, controlariam nossa vida.

Se, como é provável, você está lendo este livro porque um professor pediu-lhe que desenvolva seu próprio projeto, pode ser que pense em desenvolvê-lo só para se exercitar. Não é um mau motivo. Mas seu projeto também lhe dará a oportunidade de participar das mais antigas e respeitadas discussões da humanidade, conduzidas por Aristóteles, Marie Curie, Booker T. Washington, Albert Einstein, Margaret Mead, o grande estudioso islâmico Averróis, o filósofo indiano Radhakrishnan, Santo Agostinho, os estudiosos do Talmude, todos aqueles, enfim, que, contribuindo para o conhecimento humano, livraram-nos da ignorância e do erro. Eles e inúmeros outros estiveram um dia no ponto em que você está agora. Nosso mundo, hoje, é diferente por causa das pesquisas deles. Não é exagero afirmar que, se bem feita, a sua mudará o mundo de amanhã.

## 1.2 Por que redigir um relatório?

Alguns de vocês, entretanto, poderão achar fácil recusar nosso convite para participar desse diálogo. Ao fazer o relatório de sua pesquisa, você terá de satisfazer uma multidão de requisitos estranhos e complicados, e a maioria dos estudantes sabe que seu relatório será lido não pelo mundo, mas apenas pelo professor. *E, além disso, meu professor sabe tudo sobre o assunto. Se ele simplesmente me desse as respostas ou indi-*

*cassee os livros certos, eu poderia me concentrar em aprender o que há neles. O que eu ganho redigindo um relatório, a não ser provar que posso fazê-lo?*

### 1.2.1 Escrever para lembrar

A primeira razão para registrar por escrito o que você descobriu é apenas lembrar. Algumas pessoas, excepcionalmente, conseguem reunir informações sem as registrar. Mas a maioria de nós se perde, quando enche a cabeça de novos fatos e argumentos: pensamos no que Smith descobriu à luz da tese de Wong e comparamos as descobertas de ambos com os resultados estranhos de Brunelli, especialmente por serem corroborados por Boskowitz. Mas, espere um minuto. O que foi mesmo que Smith disse? A maior parte das pessoas só consegue responder a questões mais complicadas com a ajuda da escrita – relacionando fontes, compilando resumos de pesquisa, mantendo anotações de laboratório e assim por diante. O que você não registrar por escrito provavelmente será esquecido ou, pior, será lembrado de modo incorreto. Essa é uma das razões pelas quais os pesquisadores não esperam chegar ao fim do processo para começar a escrever: eles escrevem desde o início do projeto até o fim, para entenderem melhor e guardarem por mais tempo o que descobriram.

### 1.2.2 Escrever para entender

Uma segunda razão para escrevermos é ver com maior clareza as relações entre nossas idéias. Ao organizar e reorganizar os resultados de sua pesquisa, você vê novas relações e contrastes, complicações e implicações que do contrário poderiam ter passado despercebidos. Mesmo que pudesse guardar na mente tudo o que descobriu, você ainda precisaria de ajuda para organizar argumentos que insistem em tomar diferentes direções, inspiram relações complicadas, causam desacordo entre

especialistas. *Quero usar as afirmações de Wong para sustentar meu argumento, mas o argumento dela é rebatido por estes dados de Smith. Quando os comparo, vejo que Smith não considera a última parte do argumento de Wong. Espere um minuto: se eu a introduzir, juntamente com este trecho de Brunelli, posso salientar a parte do argumento de Wong que me permite refutar o de Smith mais facilmente.* Escrever induz a pensar, ajudando-o não apenas a entender o que está aprendendo, mas a encontrar um sentido e um significado mais amplos.

### 1.2.3 Escrever para ter perspectiva

Uma terceira razão pela qual escrevemos é que, quando projetamos nossos pensamentos no papel, nós os vemos sob uma nova luz, que é sempre mais clara e normalmente menos lisonjeira. Quase todos nós – estudantes e profissionais – achamos que nossas idéias são mais coerentes no calor de nossa mente do que quando transpostas para as frias letras impressas. Você melhora sua capacidade de pensar quando estimula a mente com anotações, esboços, resumos, comentários e outras formas de pôr pensamentos no papel. Mas você só pode refletir claramente sobre esses pensamentos quando os separa do rápido fluxo do pensamento e os fixa numa forma escrita coerente.

Em resumo, escrevemos para podermos pensar melhor, lembrar mais e ver com maior clareza. E, como veremos, quanto melhor escrevemos, mais criticamente podemos ler.

## 1.3 Por que elaborar um documento formal?

Mesmo sabendo que escrever é uma parte importante da aprendizagem, da reflexão e da compreensão, alguns de vocês podem ainda querer saber por que precisam transformar seu trabalho num ensaio ou relatório de pesquisa formais. Essa formalização pode colocar um problema para estudantes que não vêem nenhuma razão para seguir um procedimento de cuja

criação eles não participaram. *Por que eu deveria adotar uma linguagem que não é minha? O que há de errado com minha linguagem, minhas preocupações? Por que não posso relatar minha pesquisa do meu jeito?* Alguns estudantes chegam a achar ameaçadoras essas exigências: temem que, se tiverem de pensar e escrever como seus professores, acabarão, de certo modo, se tornando iguais a eles.

E sua preocupação é legítima, porque tem a ver com todos os aspectos de sua vida. Uma educação que não afetasse quem e o que você é seria ineficaz. Quanto mais profunda sua educação, mais ela o mudará. Por isso é tão importante escolher cuidadosamente o que você estuda e com quem. Mas seria um erro pensar que escrever um relatório de pesquisa ameaçaria sua identidade. Aprender a pesquisar mudará seu modo de pensar, ensinando-lhe mais maneiras de pensar. Você será diferente depois de ter pesquisado, porque será mais livre para escolher quem quer ser.

A razão mais importante para relatar a pesquisa de um modo que atenda à expectativa dos leitores talvez seja a de que escrever para os outros é mais difícil do que escrever para si mesmo. No momento em que você registra suas idéias por escrito, elas lhe são tão familiares, que você precisa de ajuda para vê-las como realmente são, não como gostaria que fossem. O melhor que você tem a fazer nesse sentido é imaginar as necessidades e expectativas de seus leitores. É por isso que os modelos e planos padronizados são os recipientes mais apropriados para suas descobertas e conclusões. Eles irão ajudá-lo a ver suas idéias à luz mais clara do conhecimento e das expectativas de seus leitores, não apenas para que você teste tais idéias, mas também para ajudá-las a crescer. Invariavelmente, você entende melhor suas impressões quando as escreve para torná-las acessíveis aos outros, organizando suas descobertas para ajudar os leitores a ver explicitamente como você avaliou os fatos, como relacionou uma idéia à outra, como se antecipou às perguntas e preocupações *deles*. Todo pesquisador recorda-se de algum momento em que, ao escrever para os leitores, descobriu uma falha, um erro, uma oportunidade perdida, coisas que lhe haviam escapado num primeiro rascunho, escrito mais para si mesmo.

Aqueles que pretendem participar de uma comunidade que dependa de pesquisas terão de demonstrar que não só são capazes de dar boas respostas a perguntas difíceis, mas também que conseguem informar seus resultados *satisfatoriamente*, ou seja, de modo claro, acessível e, mais importante, *familiar*. Depois de conhecer os modelos padronizados, você será mais exigente ao ler os relatórios de pesquisa dos outros, compreenderá melhor o que sua comunidade espera de todos e será mais capaz de criticar as exigências criteriosamente.

Redigir um relatório de pesquisa, enfim, é simplesmente uma questão de pensar por escrito. Assim, suas idéias terão a atenção que merecem. Apresentadas por escrito, estarão “ali”, desvincilhadas de suas recordações, opiniões e desejos, prontas para serem mais amplamente analisadas, desenvolvidas, combinadas e compreendidas, porque você estará cooperando com seus leitores em uma empreitada comum para produzir um conhecimento novo. Em resumo, pensar por escrito pode ser mais metódico, sistemático, abrangente, completo e mais adequado àqueles que têm pontos de vista diferentes – mais ponderado – do que quase todas as outras formas de pensar.

Você pode, é claro, simular tudo isso, fazendo apenas o suficiente para satisfazer seu professor. Este livro talvez o ajude nesse sentido, mas, agindo assim, você estará enganando a si mesmo. Se *você* encontrar um assunto que o interesse, se fizer uma pergunta que deseje responder, se descobrir um problema que queira resolver, então seu projeto poderá ter o fascínio de uma história de mistério, uma história cuja solução dará o tipo de satisfação que surpreende até mesmo os pesquisadores mais experientes.

## Capítulo 2

### ***Relacionando-se com seu leitor: (re)criando a si mesmo e a seu público***

A MAIOR PARTE DAS COISAS IMPORTANTES QUE FAZEMOS, fazemos com outras pessoas. À primeira vista, podemos pensar que com a pesquisa é diferente. Imaginamos um estudioso solitário, lendo em uma biblioteca silenciosa ou trabalhando em um laboratório, cercado apenas por artefatos de vidro e computadores. Mas nenhum lugar é tão repleto de vozes quanto uma biblioteca ou um laboratório, e, mesmo quando parecemos trabalhar completamente sozinhos, trabalhamos para alcançar um fim que sempre nos envolve em um diálogo com os outros. Nós nos relacionamos com outras pessoas toda vez que lemos um livro, usamos uma aparelhagem de pesquisa ou confiamos em uma fórmula estatística. Toda vez que consultamos uma fonte, que nos reunimos com alguém e, reunindo-nos, participamos de um diálogo que pode ter décadas, até mesmo séculos de idade.

#### **2.1 Diálogos entre pesquisadores**

Exatamente como acontece em sua vida social, você, como pesquisador, faz julgamentos sobre aqueles com quem troca idéias (como agora deve estar julgando nós três): *Garcia parece confiável, ainda que um pouco previsível; Alhambra é agradável, mas descuidada no que diz respeito às evidências que apresenta; Wallace coleta bons dados, mas não confio em suas conclusões.*

Esses julgamentos, porém, não são uma via de mão única – você julgando suas fontes – porque elas já o julgaram, criando, em certo sentido, uma *persona* para você. As duas passagens a seguir “criam” leitores diferentes, atribuindo-lhes níveis diferentes de conhecimento e experiência:

- 1 – A regulação da interação das proteínas contráteis actina e miosina no filamento fino do sarcômero, por meio de bloqueadores de cálcio, é agora um meio comum de controlar espasmos cardíacos.
- 2 – Seu músculo mais importante é o coração, mas ele não funciona quando está acometido de espasmos musculares. Esses espasmos agora podem ser controlados por drogas conhecidas como bloqueadores de cálcio. Os bloqueadores de cálcio atuam sobre pequenas unidades de fibras musculares chamadas sarcômeros. Cada sarcômero tem dois filamentos, um grosso e um fino. O filamento fino contém duas proteínas, actina e miosina. Quando a actina e a miosina interagem, seu coração se contrai. Essa interação é controlada pelos bloqueadores de cálcio.

O primeiro trecho lembra um especialista escrevendo a outro; o segundo, um médico explicando cuidadosamente idéias complexas a um paciente.

Seu texto refletirá não só os julgamentos que você fez sobre o conhecimento e a capacidade de compreensão de seus leitores, mas, mais importante ainda, o que você quer que eles identifiquem como significativo em sua pesquisa. E seus leitores o julgarão com a precisão com que você os julgar. Se calcular mal a quantidade de informações de que eles precisam, se apresentar suas descobertas de um modo que não atenda aos interesses deles, você perderá a credibilidade de que todo autor precisa para sustentar seu lado do diálogo.

Portanto, antes mesmo de dar o primeiro passo em direção a um relatório de pesquisa, você deve pensar no tipo de diálogo que pretende ter com seus leitores, no tipo de relação que dese-

ja estabelecer com eles, no tipo de relação que espera que queiram e possam ter com você. Isso significa saber não só quem são eles e quem é você, mas quem você e eles pensam que todos vocês *devem ser*.

Você pode pensar que a resposta é óbvia: *Eu sei quem sou, e meu leitor é o meu professor*, mas os pesquisadores estudantes sempre trabalham em circunstâncias complicadas. No papel, você parecerá diferente do que é em pessoa. E seus professores, como leitores, reagirão de modo diferente de como reagem em classe. Coordenar tudo isso significa reconhecer: 1) os diferentes papéis sociais que o autor e o leitor criam para si mesmos e um para o outro e 2) os interesses comuns que todo leitor e todo autor compartilham.

## 2.2 Autores, leitores e seus papéis sociais

Suas decisões sobre si mesmo e seus leitores são bastante complicadas, porque trabalhos de pesquisa exigidos em sala de aula criam situações obviamente artificiais. Se esse é um de seus primeiros projetos, você talvez não o esteja fazendo porque, na verdade, sente a premente necessidade de formular uma pergunta cuja resposta modifique o mundo. Por outro lado, é improvável que seu professor tenha lhe pedido para fazer a pesquisa porque sinta a necessidade premente de saber sua resposta. Você provavelmente está escrevendo para atingir uma meta menos direta: aprender sobre pesquisa, *representando o papel de pesquisador e imaginando o papel de seu leitor*.

Representar um papel não é uma parte insignificante do aprendizado. As pessoas podem aprender uma técnica de três maneiras: lendo sobre ela ou ouvindo sua explicação, observando enquanto outros a praticam, ou praticando a técnica por si mesmas. O aprendizado mais eficaz combina as três alternativas, mas a terceira é decisiva: não basta apenas ler, ouvir e observar – é preciso *fazer*. E, uma vez que a pesquisa é uma atividade social, praticá-la significa desempenhar um papel social.

Com essa finalidade em vista, seu relatório deve criar papéis tanto para você quanto para seu professor. Mas esses

papéis não podem ser os da sala de aula, onde o professor faz perguntas para que você mostre que sabe as respostas, ou você faz as perguntas porque não sabe as respostas. Em seu relatório, você deve se converter em autor/pesquisador e dar a seu professor o papel de um leitor que deseja, ou deveria desejar, saber o que você descobriu. Na verdade, deve se imaginar trocando papéis com seu professor, você se tornando professor dele, e ele, seu aluno.

### 2.2.1 Criando seu papel

Ao longo de toda sua pesquisa, imagine-se como alguém que possui uma informação ou afirmação bastante importante para ser passada a outros que possam querer conhecê-la. Imaginando isso, você deve representar o papel específico de um profissional da área. Se estiver num curso de biologia, por exemplo, espera-se que tenha apontamentos completos sobre o que ocorre no laboratório (incluindo erros e situações sem saída) e, da mesma maneira como faria um pesquisador experiente, relate seus resultados de forma profissional. Se seu projeto, num curso de história, for preparar seu histórico familiar, você deve consultar a literatura sobre as raízes étnicas e socioeconômicas de sua família, da mesma maneira que um historiador profissional faria. Ou pode ser que lhe peçam para representar o papel de uma pessoa informada, que não seja um profissional “de dentro”, mas exatamente o que você é: um estudante escrevendo seu primeiro relatório de pesquisa em um curso introdutório.

Seu professor pode até mesmo dar informações detalhadas:

*Escreva um histórico de sua família para o “Projeto Diversidade”, como parte da comemoração de centenário e de uma campanha para arrecadação de fundos: seu histórico, juntamente com outros, será publicado numa brochura distribuída pela associação de ex-alunos para mostrar a diversidade dos estudantes deste campus.*

De acordo com essas informações, seus leitores não seriam historiadores profissionais, mas alunos em potencial e seus pais.

Mas suponha que lhe seja pedido para interpretar o papel de um pesquisador que faz um relatório sobre a presença de toxinas num lago, para a diretora da Agência Estadual de Proteção ao Meio Ambiente. Nesse caso, talvez fosse conveniente fazer uma pesquisa sobre essa diretora, para descobrir quem ela é e como pretende usar seu relatório. No passado, ela esteve mais ligada à política ou à ciência? Se a resposta for a segunda alternativa, que tipo de ciência? O relatório será para ela apenas, ou também para o governador? Ela precisa das informações para decidir o que fará no futuro, ou para justificar uma decisão que já foi tomada?

Em resumo, o primeiro passo no preparo de uma pesquisa é compreender seu papel num determinado “palco”. Por que lhe pediram para escrever o relatório? O que seu professor, curso ou programa querem que você aprenda com isso? Querem que você experimente o sabor da pesquisa, visando prepará-lo para se especializar em uma área, tornar-se um profissional? Ou será que desejam dar aos alunos em busca de educação liberal uma oportunidade de pensar muito sobre um assunto de sua própria escolha? Se você não souber, pergunte.

Outra questão a considerar é como a *aparência* de seu relatório influi no papel que você representa nesse contexto social previsto. No trabalho de biologia, o texto deveria ter a forma de um relatório de laboratório, de um memorando oficial recomendando providências, ou de um sumário de diretoria? No caso do trabalho de história, você tem menos formas para escolher, mas deve procurar saber, por exemplo, se pode elaborar a história como uma narrativa na primeira pessoa, em que você falará de seu passado e do que descobriu sobre ele. Ou será que o trabalho deve ser um relato formal, na terceira pessoa? Não comece sua pesquisa antes de saber quais são suas opções quanto à forma do relatório.

### 2.2.2 Criando um papel para seu leitor

Seus leitores também devem desempenhar um papel, que você criará para eles. Considerando que seu professor talvez seja seu principal leitor, você deve atribuir-lhe o papel de alguém que, se tiver bons motivos, irá se preocupar com seu problema de pesquisa e querer conhecer a solução. Ele também poderá estipular um papel para si mesmo – alguém “da” especialidade, que espera que você escreva como os demais autores da área. Ou, o que seria mais difícil, ele poderia representar o papel de um leitor comum que não tem conhecimento especializado da área e seus métodos.

Dependendo do papel que ele se atribua, seu professor irá concentrar-se em diferentes aspectos do relatório. Como leitor especializado, procurará citações dos estudos clássicos sobre o assunto, formatadas corretamente, e como leitor comum irá querer explicações claras, “em linguagem simples”, dos termos técnicos. Se você estiver redigindo uma tese para ser lida por uma banca examinadora, terá de pensar nos diversos papéis de maneira mais complicada ainda.

Se você é um pesquisador experiente, compreende como os leitores diferem uns dos outros, mas, se está escrevendo seu primeiro relatório de pesquisa, precisa saber que os leitores adotam papéis baseando-se no modo como usarão sua pesquisa. As diferenças mais importantes encontram-se entre os que lêem por diversão, os que querem uma solução para um problema prático e aqueles que se dedicam à pura busca do conhecimento e da compreensão.

Para entender essas diferenças e como afetam sua pesquisa, imagine três formas de diálogos sobre balões, dirigíveis e zepelins.

**Por diversão.** Esse tipo de troca de idéias ocorre entre pessoas que se reúnem para falar sobre zepelins por passatempo. Para entrar no diálogo, você só precisa mostrar interesse pelo assunto e ter algo novo ou interessante para oferecer, como, por exemplo, uma carta do tio Otto, na qual ele descreve sua viagem no primeiro zepelim a cruzar o Atlântico e qual foi o

cardápio do jantar. O que está em jogo aqui é um momento de diversão entre pessoas que gostam de falar sobre zepelins e talvez procurem obter algum enriquecimento pessoal. Sua conversa seria o tipo de trabalho que você escreveria em uma aula de redação, em que se espera que o autor seja animado, com algo interessante, talvez engraçado para contar, que se concentre mais em expor suas próprias reações do que em fazer uma análise imparcial do assunto. Como sua tarefa é compartilhar com outras pessoas seu entusiasmo por um assunto que também as entusiasme e oferecer algo que elas não conheçam e achariam interessante, você deve consultar suas fontes, procurando histórias divertidas, fatos estranhos e assim por diante.

**Por um motivo prático.** Agora imagine um segundo diálogo, dessa vez com o pessoal do departamento de relações públicas da Giganto Inc. Eles gostariam de usar um dirigível em uma campanha publicitária, mas não sabem quanto isso custaria, nem até que ponto seria eficaz. Então, contrataram você para descobrir. Para sair-se bem nesse diálogo, você precisa entender que há mais coisas em jogo do que meramente a satisfação da curiosidade. Será necessário responder à pergunta da pesquisa de uma maneira que ajude o pessoal de RP resolver seu problema prático, *fazendo* algo: se alugarem o dirigível, aumentarão as vendas da Giganto? Esse é o tipo de público para o qual você poderá escrever, quando seu professor criar um roteiro “da vida real” para seu trabalho, ou seja, onde haja alguém interessado em usar sua pesquisa para resolver um problema real, tangível, pragmático. Se souber o que seus leitores farão com suas respostas, você saberá que informações procurar, compreendendo que há outras com as quais não precisa se incomodar – é improvável que o pessoal da Giganto queira saber quando foi inventado aquele artefato mais leve que o ar, ou se interesse pelas equações usadas para analisar sua estabilidade aerodinâmica.

**Para entender.** Finalmente, imagine que sua escola tenha um departamento de artefatos mais leves que o ar, tão importante quanto o departamento de inglês ou de química. A facul-

dade oferece cursos sobre dirigíveis, balões e zepelins, pesquisa-os e participa de uma troca de idéias mundial, publicando pesquisas a respeito dessas aeronaves. Desse diálogo participam centenas, talvez milhares de pesquisadores. Alguns deles se conhecem, outros nunca se encontraram, mas todos lêem os mesmos livros e periódicos. O objetivo deles não é se divertir (embora se divirtam) ou ajudar alguém a *fazer* algo – como melhorar a imagem de uma empresa (embora pudessem gostar de atuar como consultores, pagos pela Giganto Inc.). O objetivo deles é propor perguntas, e responder a elas, sobre artefatos mais leves que o ar, sua história, suas conseqüências sociais, a teoria e a literatura a respeito do assunto. Eles determinam o valor de seu trabalho não pelo que possam oferecer como fonte de entretenimento ou pela ajuda que possam dar a alguém, mas pelo que aprendem, pelo conhecimento que adquirem a respeito de dirigíveis, pela avaliação de quanto conseguem se aproximar da verdade.

Como conseqüência, esses estudiosos de artefatos mais leves que o ar estão intensamente preocupados com a *qualidade* intelectual de seu diálogo: esperam que todos os participantes sejam objetivos, rigorosamente lógicos, fiéis aos fatos, capazes de analisar as perguntas de todos os ângulos, não importa para onde a investigação os conduza ou quanto tempo lhes tome. Esperam que o diálogo focalize as complexidades, ambigüidades, incertezas, os mistérios e, então, que apresente soluções. Confiam nas pesquisas uns dos outros ao mesmo tempo em que competem entre si para produzir as próprias pesquisas: desse modo, testam tudo antes de fazer seu relatório, porque o que mais valorizam é fazer as coisas corretamente, e porque sabem que a verdade é sempre parcial – incompleta e facciosa. Entendem que toda verdade apresentada é contestável e será testada pelos outros participantes do diálogo, não exatamente por serem controversos (embora possam ser) ou mesmo cínicos (embora alguns sejam), mas porque desejam aproximar-se da verdade sobre dirigíveis.

Tais leitores se interessarão por qualquer coisa nova que você tenha a dizer, mas vão querer saber o que fazer com a nova

informação e de que modo ela afeta o que *já* sabem sobre dirigíveis. Ficarão especialmente interessados se você convencê-los de que não compreendem algo tão bem quanto imaginavam: *A maior parte das pessoas pensa que os artefatos mais leves que o ar originaram-se na Europa, no século XVIII, mas eu descobri um desenho do que parece ser um balão de ar quente de quatro séculos antes, numa parede, na América Central.*

É de um diálogo desse tipo que você participa quando relata pesquisas para uma comunidade de estudiosos. *Não importa que seu estilo seja elegante (embora isso me faça admirar mais seu trabalho), não importa que você me conte histórias divertidas (ainda que eu possa apreciá-las, se elas me ajudarem a entender melhor suas idéias), não importa que o que você saiba me enriqueça (embora isso possa me deixar contente). Apenas diga-me algo que não sei, de forma que eu possa compreender melhor o que sei.*

Esses três tipos de leitores podem estar interessados em artefatos mais leves que o ar, mas o interesse de cada um no assunto é diferente, portanto vão querer que sua pesquisa resolva tipos diferentes de *problemas*: entretê-los, ajudá-los a solucionar algum problema, ou simplesmente ajudá-los a compreender melhor um assunto.

Se essa for sua primeira incursão na pesquisa, você terá de descobrir o que está em jogo no meio a que pertence. Se não souber, pergunte, porque esse requisito o levará a caminhos diferentes de pesquisa.

Claro que no decorrer da pesquisa você poderá descobrir algo que mude sua intenção: enquanto coleta histórias engraçadas sobre o desenvolvimento do zepelim, talvez descubra que a história oficial desse dirigível está errada. Mas, se você não tiver, desde o início, uma noção do que realmente pretende, está arriscado a ficar perambulando sem rumo de uma fonte de informações para outra, o que o conduzirá, e a seus leitores, a lugar... nenhum.

### 2.3 Leitores e seus problemas comuns

Dependendo do que esteja em jogo, leitores e autores representam papéis sociais diferentes, por trás dos quais existem preocupações comuns a todo leitor, assim como problemas comuns a todo autor.

#### 2.3.1 Leitores e o que você sabe sobre eles

Todos os leitores compartilham um interesse: querem ler relatórios que apresentem o mínimo possível de dificuldades desnecessárias. Podem apreciar a elegância e a vivacidade de espírito, mas em primeiro lugar querem entender o ponto principal de seu trabalho e saber como você chegou a ele. Assim, como é útil pensar no processo de redação de seu relatório como um caminho para um ponto de destino, também é útil imaginar uma trajetória semelhante para seus leitores, que terão você como guia. Eles querem que sua introdução lhes indique para onde ir, e que você explique por que deseja conduzi-los por esse caminho, que dê uma idéia da pergunta a que a jornada responderá, que problema, intelectual ou prático, será resolvido.

Seus leitores também vão querer saber de que maneira sua pesquisa e as conclusões mudarão suas opiniões e convicções: é assim que irão aferir a *importância* de seu trabalho. O que você pretende? Oferecer a leitores agradecidos a solução de um problema que durante muito tempo eles sentiram que precisavam resolver, ou tentará vender uma solução a leitores que, não só podem rejeitá-la, como também, talvez, nem sequer queiram saber do problema?

Todos os leitores projetam em um relatório de pesquisa os próprios interesses e concepções. Portanto, antes de redigi-lo, você precisa definir a posição deles e a sua em relação à pergunta a que você está respondendo e ao problema que está resolvendo. Se sua pergunta já é um assunto palpitante na comunidade, a maioria dos leitores a apreciará, antes mesmo de você apresentá-la. Nesse caso, concentre-se em definir a posição deles em relação a sua resposta:

- Se já conhecem a resposta, você os estará fazendo perder tempo.
- Se acreditam em uma resposta errada, ou em uma resposta certa pelas razões erradas, antes de mais nada você terá de demovê-los do erro e, então, convencê-los de que sua resposta é a correta, pelas razões corretas – uma tarefa difícil.
- Se eles não têm uma resposta, você está com sorte: só precisará convencê-los de que possui a resposta certa, e eles a receberão, agradecidos.

Se, por outro lado, sua pergunta não for um assunto palpitante, sua tarefa será mais complicada, porque a maioria dos leitores não terá conhecimento de sua pergunta ou de seu problema, antes de você apresentá-los. Nesse caso, você precisará, primeiro, convencê-los de que sua pergunta é boa.

- Alguns leitores, por qualquer razão, não terão nenhum interesse em sua pergunta, de modo que não se interessarão pela resposta. Convencê-los a interessar-se pela pergunta poderá ser um desafio maior do que convencê-los de que você encontrou a resposta correta.
- Alguns leitores poderão mostrar-se receptivos a seu problema por perceberem que a solução os ajudará a entender melhor seus próprios problemas. Se for assim, você estará com sorte.
- Outros leitores poderão rejeitar tanto sua pergunta como a resposta, porque aceitá-las desestabilizaria convicções mantidas há longo tempo. Poderiam mudar de idéia, mas apenas por boas razões, enfaticamente expostas.
- Finalmente, alguns leitores estarão tão entrincheirados em suas convicções, que nada os fará levar em consideração uma nova pergunta ou um velho problema tratado de uma nova maneira. Você só poderá ignorá-los.

#### 2.3.2 Leitores e o que você espera deles

Para entender seus leitores, portanto, você precisa saber qual é a posição deles. Mas também precisa decidir aonde deseja levá-los e o que eles farão quando chegarem lá. Poderia ser uma das alternativas descritas a seguir, ou todas elas.

**Aceitar um conhecimento novo.** Se você oferecer aos leitores apenas conclusões e conhecimentos novos, deverá presumir que eles já têm interesse pelo assunto, ou, então, dispor-se a convencê-los de que, tornando-se receptivos, só terão a lucrar. Se eles já tiverem interesse, apenas apresentar as informações será menos trabalhoso, mas também muito menos interessante e geralmente menos marcante. Vez por outra, um pesquisador dirá: *Aqui estão as informações que descobri, e espero que possam interessar a alguém.* Os leitores já interessados ficarão gratos, mas irão se interessar mais se o pesquisador mostrar como os novos dados podem forçá-los a ocupar-se de uma nova questão, especialmente se tais dados perturbarem sua antiga maneira de pensar.

Vamos dizer que você possua informações sobre tecelagem tibetana do século XIX. Isso pode ser novo para seus leitores, mas você não tem nenhum argumento diferente além de: *Vocês provavelmente não conhecem este assunto.* Tudo bem, mas melhor seria imaginar como sua nova informação poderia requerer que eles mudassem de opinião sobre o Tibete, a tecelagem ou até mesmo sobre o século XIX. Isso significa achar perguntas que possam interessar aos leitores, e que seu novo conhecimento possa responder.

No mundo dos negócios e do comércio, é comum um supervisor orientar os pesquisadores para reunirem e relatarem informações, mas essa pessoa normalmente quer as informações para resolver um problema que ela já sabe que tem. Nesse caso, há uma divisão de trabalho: *Você consegue as informações de que eu preciso para resolver meu problema.*

**Mudar convicções.** Você pedirá mais de seus leitores (e de si mesmo) se pedir-lhes não só que aceitem novos conhecimentos, mas também mudem convicções arraigadas. Quanto mais arraigadas estiverem essas convicções, mais difícil será mudá-las. É assim que os leitores avaliam a importância da pesquisa. Por exemplo, seria fácil convencer a maioria de nós de que há exatamente 202 asteróides conhecidos, a uma distância de um quilômetro e meio ou mais, porque poucas pessoas estão preocupadas com isso. Mas, se pudéssemos ser convencidos de

que esses 202 asteróides são restos de um planeta que um dia existiu entre a Terra e Marte e explodiu em uma guerra nuclear, teríamos de mudar muitas convicções sobre vários assuntos importantes, o menor dos quais seria o número exato de asteróides. Ao pensar na questão de que está tratando, pense também no impacto que pretende produzir na estrutura geral de convicções e conhecimentos de seus leitores. Quanto maior o impacto, mais importante será sua questão, e mais você terá de trabalhar para ser convincente.

O fato doloroso, no entanto, é que mesmo pesquisadores experientes acham difícil prever até que ponto suas descobertas farão os leitores mudarem suas convicções. E, mesmo quando conseguem, geralmente lutam para explicar por que os leitores deveriam mudar.

Agora, uma coisa importante: *Se você for um pesquisador iniciante, não pense que terá de satisfazer uma expectativa tão elevada quanto essa.*

No início, não se preocupe em saber se os resultados de sua pesquisa serão novos para os outros, se serão capazes de mudar a opinião de alguém, além da *sua*. Preocupe-se antes de mais nada em saber se o trabalho é importante para *você*. Se conseguir encontrar uma pergunta a que *só você* queira responder, já será uma conquista importante. Se conseguir encontrar uma resposta que mude apenas o que *você* pensa sobre uma porção de coisas, conquistou algo ainda mais importante – descobriu como novas idéias desestabilizam e reorganizam convicções estáveis.

Se você for um pesquisador experiente, porém, terá de dar o próximo passo. Seus leitores esperam que você apresente um problema que não só reconheçam como *seu*, mas também como *deles*, um problema cuja solução mudará a opinião *deles*, de um modo que *eles* achem significativo. (Discutiremos esse requisito mais detalhadamente no Capítulo 4.)

**Praticar uma ação.** De vez em quando, os pesquisadores pedem que os leitores pratiquem uma ação porque acreditam que a solução de seu problema de pesquisa poderá ajudar os leitores a resolver um problema real. Às vezes isso é fácil –

um químico descobre como produzir gasolina não poluente e, então, tenta persuadir as companhias de petróleo a usarem sua fórmula.

Mais freqüentemente, os resultados de sua pesquisa não levarão a uma ação específica mas, sim, a uma conclusão que apenas mudará a compreensão de seus leitores. No mundo da pesquisa erudita, entretanto, essa não é uma conquista desprezível. No cômputo final, a importância da pesquisa acadêmica depende do quanto ela abala e reorganiza convicções, não querendo dizer que essas novas convicções levarão a uma ação.

Tenha em mente que praticamente todo pesquisador acadêmico começa satisfazendo interesses, não de seus leitores, mas os seus próprios. Também esteja ciente de que mesmo pesquisadores experientes geralmente não podem, logo no começo, responder a perguntas sobre a importância de sua pesquisa. Por mais paradoxal que possa parecer, quase todos só compreendem exatamente a importância que suas descobertas terão para os outros quando terminam o primeiro rascunho de seu relatório. Portanto, aqui vai mais uma palavra de conforto para quem esteja iniciando seu primeiro projeto: quando você parte de um interesse seu – *como deve ser* – provavelmente não sabe o que esperar de seus leitores, ou até de si mesmo. Só descobrirá isso depois de encontrar uma resposta que o ajude a entender melhor a pergunta que deseja submeter à apreciação de seus leitores. Mesmo então, seu melhor leitor talvez seja você mesmo.

Nada é mais importante para o sucesso da pesquisa do que seu compromisso com ela. Algumas das pesquisas mais importantes do mundo foram conduzidas por pessoas que triunfaram sobre a indiferença, porque nunca duvidaram de sua própria visão. Bárbara McClintock, uma geneticista, lutou durante anos, sem reconhecimento, porque sua comunidade de pesquisa não considerava seu trabalho importante. Mas ela acreditou nele e finalmente, quando a comunidade foi persuadida a fazer perguntas a que só ela poderia responder, Bárbara conquistou a honra mais alta da ciência: o Prêmio Nobel.

## 2.4 Autores e seus problemas comuns

Da mesma maneira que todos os leitores têm certas preocupações em comum, todos os autores enfrentam alguns problemas iguais. O mais importante para os iniciantes é a diferença que a experiência faz. Quando um autor conhece realmente uma área, interioriza seus métodos tão bem, que é capaz de fazer por hábito o que antes fazia apenas através de normas e reflexão. Autores com prática começam um trabalho com a intuição de qual será sua forma final e do que os leitores esperam. Os menos experientes têm de pensar não só em seus assuntos e problemas específicos, mas também de fazer o que os autores experientes fazem intuitivamente. Mas é claro que é para isso principalmente que você se esforça tanto, para aprender a pesquisar mais, com menos desperdício de esforço. E essa é a meta deste livro: oferecer-lhe diretrizes, listas de conferência e verificação e sugestões rápidas para ajudá-lo a avaliar seu progresso e seus planos e, o que é mais importante, mostrar-lhe como *pensar e escrever como um leitor*: em resumo, tornar claro o que os autores experientes fazem intuitivamente.

Todo o mundo começa como novato, e quase todos nós nos sentimos assim outra vez, ao começar um novo projeto no qual não estamos inteiramente confiantes. Nós três, os autores, lembramo-nos de já haver tentado redigir conclusões preliminares, conscientes de que nosso texto era impreciso e confuso, porque era assim que nos sentíamos. Lembramo-nos de ficar simplesmente repetindo o que líamos, quando devíamos estar analisando, sintetizando e criticando o texto. Tivemos essa experiência quando éramos estudantes, primeiro como alunos de faculdade, depois de pós-graduação, e passamos por ela quase toda vez que começamos um projeto que exige que estudemos um assunto verdadeiramente novo.

À medida que você adquire mais habilidade e experiência, algumas dessas ansiedades são superadas. A prática compensa. Por que, então, uma vez que você tenha “aprendido a pesquisar”, não consegue livrar-se completamente da ansiedade? O fato é que aprender a pesquisar não é como aprender a andar de

bicicleta, uma habilidade que você pode repetir cada vez que experimenta uma bicicleta nova. Pesquisar envolve algumas habilidades repetitivas, mas, como os objetos de pesquisa são infinitamente variados, e os modos de informar os resultados variam de área para área, cada novo projeto traz consigo problemas novos. A diferença entre o especialista e o novato reside em parte no fato de que o especialista controla melhor as técnicas repetitivas, mas, além disso, ele também consegue prever melhor as inevitáveis incertezas e superá-las.

Então, como você pode evitar a sensação de que está sobrecarregado?

Em primeiro lugar, tome consciência das incertezas que inevitavelmente enfrentará. Esse deve ser o objetivo da primeira e rápida leitura deste livro.

Em segundo lugar, domine o assunto que escolheu, escrevendo sobre ele

*ao longo da pesquisa*. Não se limite a tirar fotocópias de suas fontes e sublinhar palavras: escreva resumos, críticas, perguntas sobre as quais refletir mais tarde. Quanto mais escrever, à medida que avança, não importa quão esquematicamente o

#### Sobrecarga cognitiva:

#### Algumas palavras tranquilizadoras

As dificuldades que os pesquisadores iniciantes enfrentam têm menos a ver com idade ou realizações do que com a experiência na área estudada. Uma vez, um de nós explicava a alguns professores de redação jurídica que os problemas de ser novato despertam uma sensação de insegurança nos novos estudantes de direito, mesmo entre os que eram bons redatores antes de entrar na faculdade. No fim da conversa, uma mulher comentou que, ao iniciar o curso de direito, experimentara alguma sensação de incerteza e confusão. Antes do curso, ela fora professora de antropologia, publicara um trabalho e fora elogiada pelos revisores pela clareza e pelo vigor de seu texto. Então, decidira mudar de carreira e cursar a faculdade de direito. Segundo ela, escrevia de maneira tão incoerente, nos primeiros seis meses, que teve medo de estar sofrendo de alguma doença degenerativa do cérebro. Não estava, é claro: simplesmente, experimentava um tipo de afasia temporária que aflige a maioria de nós, quando tentamos escrever sobre um assunto que não dominamos. Não foi de surpreender que, ao começar a entender melhor as leis, passasse a pensar e escrever melhor.

faça, mais confiante estará ao enfrentar o intimidante primeiro rascunho.

Em terceiro lugar, mantenha sob controle a complexidade de sua tarefa. Todas as partes do processo de pesquisa afetam as demais, portanto use o que aprendeu sobre cada parte, de modo a dividir o complexo conjunto de tarefas em etapas manejáveis. Supere os primeiros estágios, encontrando um tópico e formulando algumas boas perguntas, e, então, seu trabalho será mais eficaz mais tarde, quando você redigir o rascunho e revisá-lo. Inversamente, se puder prever como fará o rascunho e a revisão, terá maior eficácia na etapa de procurar um tópico e formular um problema. Poderá dar às tarefas a atenção que cada uma requer, se souber como coordená-las, quando se concentrar em uma em particular, quando fazer uma avaliação, como revisar seus planos e até mesmo quando alterá-los.

Em quarto lugar, conte com seu professor para ajudá-lo a vencer suas dificuldades. Bons professores querem que seus alunos tenham sucesso e prestam-lhes ajuda.

Mais importante de tudo, reconheça o problema pelo que ele é: suas dificuldades não indicam necessariamente que você tenha falhas graves. Para superar os problemas que todos os iniciantes enfrentam, faça exatamente o que está fazendo, o que todo pesquisador bem-sucedido sempre fez: vá em frente.

**Sugestões úteis:**

*Lista de verificação para ajudá-lo a compreender seus leitores*

Embora você deva pensar em seus leitores desde o começo, não espere poder responder a todas as perguntas seguintes até estar próximo do fim de sua pesquisa. Portanto, planeje retornar a esta lista de verificação algumas vezes, cada vez aprimorando mais o papel que irá criar para seus leitores.

**Como é sua comunidade de leitores?**

- 1 – Seus leitores são:
  - Profissionais da área de sua pesquisa?
  - Leitores comuns que têm:
    - níveis diferentes de conhecimento e interesse?
    - níveis semelhantes de conhecimento e interesse?
- 2 – Para cada grupo uniforme de leitores, repita a análise que se segue.

**O que seus leitores esperam que você faça por eles?**

- 1 – Que os divirta?
- 2 – Que os ajude a resolver algum problema real?
- 3 – Que os ajude a compreender melhor algum assunto?

**Quanto sabem seus leitores?**

- 1 – Nível de conhecimento geral (comparado ao seu):  
muito menor   menor   o mesmo   maior   muito maior
- 2 – Conhecimento do assunto em questão (comparado ao seu):  
muito menor   menor   o mesmo   maior   muito maior
- 3 – Que interesse especial eles têm pelo assunto?
- 4 – Que aspectos do assunto esperam que você discuta?

**Eles já compreenderam seu problema/sua questão?**

- 1 – Seus leitores reconhecem o problema que seu trabalho propõe?
- 2 – É o tipo de problema que eles têm, mas que ainda não reconheceram?
- 3 – O problema não é deles, mas seu?
- 4 – Levarão o problema a sério imediatamente, ou você precisará persuadi-los de que é importante?
- 5 – O problema da pesquisa é motivado por uma dificuldade tangível e real, ou por uma dificuldade intelectual, conceitual?

**Como eles reagirão a sua solução/resposta?**

- 1 – O que você espera que seus leitores *façam* como resultado da leitura de seu relatório? Que aceitem as novas informações, mudem certas opiniões, pratiquem alguma ação?
- 2 – A solução irá contradizer as opiniões deles? Como?
- 3 – Os leitores já têm alguns argumentos padronizados contra sua solução?
- 4 – A solução será apresentada isoladamente, ou os leitores vão querer conhecer as etapas que levaram a ela?

**Como seu relatório será recebido?**

- 1 – Seus leitores pediram seu relatório? Você o enviará sem que seja solicitado? Eles o encontrarão numa publicação?
- 2 – Antes de atingir seus leitores principais, seu relatório precisará ser aprovado por um intermediário – seu supervisor, o editor de uma publicação, um assistente de diretor ou administrador, um técnico especialista?
- 3 – Os leitores esperam que seu relatório obedeça a um formato padrão? Se for o caso, qual?

PARTE II

## **Fazendo perguntas, encontrando respostas**

### *Prólogo: Planejando seu projeto*

SE VOCÊ JÁ LEU ESTE LIVRO UMA VEZ, então está pronto para iniciar seu projeto. Mas, antes de ir à biblioteca, faça um planejamento cuidadoso. Se o trabalho que seu professor lhe indicou define uma pergunta e especifica cada etapa do projeto, leia por alto os próximos dois capítulos novamente, siga as instruções de seu trabalho, então retorne à Parte III antes de começar a redigir o rascunho. Se, por outro lado, você precisa planejar sua própria pesquisa, até mesmo encontrar um assunto, poderá sentir-se intimidado. Mas conseguirá desincumbir-se da tarefa, se executá-la passo a passo.

Não existe uma fórmula pronta para orientar todas as pesquisas: você terá de gastar algum tempo pesquisando e lendo, até descobrir onde está e para onde vai. Perderá tempo em situações sem saída, mas acabará aprendendo mais do que seu trabalho exige. No final, porém, o esforço extra irá compensar, não apenas porque você fará um bom relatório, mas também porque verá aumentada sua capacidade de lidar mais eficazmente com problemas novos.

Quando começar, leve em conta que terá de considerar as seguintes etapas iniciais:

- Estabeleça um *tópico* bastante específico para permitir-lhe dominar uma quantidade razoável de informações, não “a história da redação científica”, mas “os ensaios das *Atas da Real Sociedadade* (1800-1900), precursores dos modernos artigos científicos”.

- A partir do assunto escolhido, desenvolva *perguntas* que irão nortear sua pesquisa e orientar você para um *problema* que pretenda resolver.
- Reúna *dados* relevantes para responder às perguntas.

Depois de coletar os dados que respondam à maioria de suas perguntas, você terá, é claro, de organizá-los em forma de um argumento (o tema da Parte III) e redigi-los num rascunho (o tema da Parte IV).

À medida que for coletando, ordenando e reunindo suas informações, escreva o máximo que puder. Grande parte desse trabalho de redação será fazer simples anotações, apenas para registrar o que você encontrou, sem esquecer as “anotações para compreensão”. Faça descrições em linhas gerais, diagramas mostrando como há relação entre fatos aparentemente discrepantes, resumos de fontes de informações, “posições” e “escolas”, listas de casos relacionados, anote as contradições em relação ao que você leu, e assim por diante. Ainda que apenas uma pequena parte dessas anotações preliminares venha a aparecer em seu rascunho final, é importante fazê-las, porque escrever sobre suas fontes, *à medida que avança*, ajudará você a entendê-las melhor e estimulará o desenvolvimento de seu senso crítico. Tomar notas também o ajudará, quando chegar o momento de sentar-se para começar seu primeiro rascunho.

Você logo descobrirá que não pode cumprir essas etapas na ordem exata em que as apresentamos. Perceberá que está esboçando um sumário antes de ter coletado todos os dados, formulando um argumento antes de ter todas

#### Quais são seus dados?

Não importa a que área pertençam, todos os pesquisadores usam informações como evidências para sustentar suas afirmações. Mas, dependendo de sua área de atuação, eles atribuem nomes diferentes às evidências. Uma vez que o nome mais comum é dados, adotaremos esse termo quando nos referirmos a qualquer tipo de informação usada nas diversas áreas. Observe que por *dados* estaremos nos referindo a mais do que a informações quantitativas, comuns nas ciências naturais e sociais, embora o termo possa soar estranho aos ouvidos de pesquisadores da área de ciências humanas.

as provas, e, quando pensar que tem um argumento que vale a pena, poderá descobrir que precisa voltar à biblioteca em busca de mais provas. Talvez chegue mesmo a descobrir que precisa repensar as perguntas que formulou. Pesquisar não é um processo no qual pode-se ir de um ponto a outro de modo simples, linear. No entanto, por mais indireto que seja seu progresso, você se sentirá mais confiante de que está progredindo de fato, se entender e administrar os componentes do processo.

## **Sugestões úteis:**

### *Trabalhando em grupo*

Sugerimos que você peça a seus amigos que leiam versões de seu relatório, de modo a poder vê-lo como os outros o vêem. Mas também pode acontecer de lhe pedirem para redigir um relatório como parte de um trabalho em grupo. Nesse caso, você terá pela frente tanto oportunidades quanto desafios: um grupo dispõe de mais recursos do que alguém trabalhando sozinho, mas, para tirar proveito dessa vantagem, precisa conduzir-se com muito cuidado.

### **Três aspectos fundamentais do trabalho em grupo**

#### *Conversar bastante*

O primeiro aspecto fundamental dos trabalhos em grupo é que os participantes devem conversar bastante e chegar a um consenso sobre um plano de trabalho. Mais ainda do que no caso de um autor isolado, o grupo precisa de um plano, e conversar a respeito é o único modo de criá-lo, acompanhar seu progresso e, o que é mais importante, mudá-lo quando o projeto estiver mais definido. Marquem reuniões regulares, mantenham contatos telefônicos semanais, troquem endereços, *e-mail*, façam tudo o que puderem para garantir que uns conversem com os outros sempre que houver oportunidade.

Antes de começar, certifiquem-se de que o grupo esteja de acordo quanto às metas – a pergunta ou problema de que irá tratar, o tipo de afirmação que espera apresentar, o tipo de evidências necessárias para sustentá-la. O grupo modificará essas metas à medida que os participantes compreenderem melhor o projeto, mas desde o início deve haver um entendimento sobre

isso. O grupo deve falar sobre os leitores – o que eles sabem, o que acham importante, o que vocês esperam que eles façam com seu relatório. Finalmente, o grupo deve delinear as etapas para atingir as metas, estabelecendo o que cada um deve fazer e quando.

Para focalizar as discussões nas etapas do projeto, usem estes capítulos como guia. Utilizem as listas de verificação para trocar idéias sobre os leitores (pp. 32-3), para fazer perguntas sistematicamente (pp. 50-4), reformulá-las em forma de um problema (pp. 68-77). Designem alguém para manter um esboço que esteja sempre atualizado, primeiro como esboço do tópico (p. 199), depois como esboço da argumentação (p. 140) e finalmente de seus pontos essenciais (pp. 200-201). Se o projeto envolver muitos dados, estabeleçam uma lista para reuni-los, mantenham uma relação de fontes consultadas e ainda a serem consultadas, com anotações breves sobre a importância de cada fonte.

Quanto mais os integrantes do grupo conversarem, mais facilidade terão para escrever juntos. Se, como é o caso dos três autores deste livro, os integrantes tiverem a mesma formação acadêmica, já trabalharam juntos e são capazes de prever as opiniões uns dos outros, poderão conversar menos. Mesmo assim, na redação deste livro, nós três batemos recordes de telefonemas, trocamos centenas de mensagens de *e-mail* e nos reunimos uma dúzia de vezes (em certas ocasiões, dirigindo mais de cem quilômetros para fazer isso).

#### *Concordar para discordar e depois para concordar*

Estar de acordo é essencial, mas não esperem que o grupo concorde unanimemente sobre todos os assuntos. Podem esperar divergências sobre detalhes, às vezes bem numerosas. Resolvidas essas divergências, poderão surgir as melhores opiniões do grupo, porque vocês terão de ser explícitos quanto àquilo em que acreditam e por quê. Por outro lado, não há nada que impeça mais o progresso do que alguém ficar insistindo em *sua*

versão, em incluir *sua* parcela de dados. Se a primeira regra do trabalho em grupo é conversar bastante, a segunda é manter as divergências em equilíbrio. Se o desacordo for sobre questões que não representem um impacto significativo sobre conjunto do trabalho, é melhor esquecer. Guardem sua intransigência para questões de princípio ético ou de acordo fundamental.

#### *Organizar-se como equipe, com um líder*

O grupo deve pedir a alguém para atuar como moderador, agilizador, coordenador, organizador. Essa função recebe nomes diferentes, mas a maioria dos grupos precisa de alguém para manter o cumprimento do cronograma, indagar sobre os progressos, mediar as discussões e, quando o grupo parecer travado, decidir qual caminho seguir. Os integrantes do grupo podem alternar-se nessa função, ou uma pessoa só pode exercê-la durante todo o projeto. O resto do grupo simplesmente concorda que, depois de um extenso debate, é o moderador/agilizador quem toma uma decisão, com a qual todos concordam, antes de seguir em frente.

#### **Três estratégias para trabalhar em grupo**

A seguir, veremos três maneiras de os grupos organizarem seu trabalho e alguns dos riscos que cada uma delas oferece. A maioria dos grupos costuma combinar as estratégias que se ajustem melhor a sua situação em particular.

#### *Dividir, delegar e ir à luta*

Esta estratégia explora o fato de que um grupo tem mais habilidades do que um indivíduo. Tudo vai melhor quando os integrantes têm experiências e talentos diferentes, e o grupo divide as tarefas para fazer o melhor uso de cada um. Por exem-

plo, um grupo que trabalhe numa pesquisa sociológica pode decidir que duas pessoas são boas para reunir dados, outras duas para analisar esses dados e produzir gráficos, duas mais para redigir o rascunho, e que todas participarão da edição e revisão do texto. Esta estratégia depende de cada participante reservar tempo suficiente para seu trabalho, na seqüência em que esse tiver de ser feito. Se os outros tiverem menos que fazer num determinado momento, poderão executar outros tipos de trabalho, de acordo com as necessidades.

O uso *menos* proveitoso desta estratégia é dividir o documento em partes para cada participante pesquisar, organizar, fazer o rascunho do texto e revisá-lo. Isso só funciona quando as partes de um relatório são relativamente independentes. Mas, mesmo assim, alguém terá de cuidar de reunir todas as partes, e isso poderá ser um trabalho desagradável, especialmente se os participantes do grupo não consultaram uns aos outros ao longo do caminho.

Não importa como o grupo divida o trabalho: uma grande capacidade de administração torna-se necessária, porque o maior perigo é a falta de coordenação. Caso dividam as tarefas ou partes, os participantes devem sempre conversar sobre o que estão fazendo e deixar perfeitamente claro quem tem a obrigação de fazer o quê. Então, coloquem essas determinações no papel e entreguem uma cópia a cada um.

#### *Escrever lado a lado*

Em alguns grupos, os integrantes participam de todo o trabalho, atuando lado a lado durante todo o processo. Esta estratégia funciona melhor quando o grupo é pequeno, bastante unido, trabalha bem em conjunto e dedica bastante tempo à tarefa – por exemplo, um grupo de estudantes de engenharia que dedicam dois semestres ao desenvolvimento de um projeto. A desvantagem é que algumas pessoas ficam pouco à vontade para falar sobre idéias incompletas antes de defini-las por escrito. Outras podem achar ainda mais incômodo comparti-

lhar rascunhos e textos não revisados. Os participantes de um grupo que usa esta estratégia devem ser tolerantes uns com os outros. O que costuma acontecer é que a pessoa mais confiante do grupo ignora os sentimentos dos outros, domina o processo e inibe o progresso.

#### *Trabalhar em turnos*

Em alguns grupos, os participantes trabalham em conjunto durante todo o desenvolvimento do projeto, mas redigem o texto e o revisam em turnos, de modo a fazê-lo evoluir para a versão final como um todo. Essa estratégia é eficaz quando os participantes divergem sobre o que é importante, mas suas divergências complementam-se em vez de se contradizerem.

Por exemplo, num grupo envolvido num trabalho sobre o Álamo, uma pessoa pode se interessar pelo choque de culturas, outra pelas conseqüências políticas e uma terceira pelo papel da narrativa na cultura popular. Os participantes podem trabalhar a partir das mesmas fontes, mas identificar aspectos diferentes do assunto como os mais importantes. Entretanto, depois de compartilharem o que descobriram, revezam-se na redação das versões de um texto único. O primeiro redator cria um rascunho incompleto, mas com estrutura suficiente para que os outros vejam o esboço do argumento e o ampliem e reorganizem. Cada participante, então, em sistema de revezamento, encarrega-se do rascunho, acrescentando e desenvolvendo as idéias que lhe pareçam mais importantes. O grupo concorda que a pessoa que esteja trabalhando no texto no momento seja seu "dono", podendo, portanto, fazer as mudanças que achar necessárias, desde que essas mudanças reflitam a interpretação do grupo como um todo.

O risco é que o produto final parecerá atender a propósitos contraditórios, seguindo um caminho em ziguezague, indo de um interesse incompatível para outro. Um grupo que trabalha pelo sistema de turnos precisa estar de acordo sobre a meta final e a forma do todo, e cada integrante deve respeitar e aceitar as perspectivas dos outros.

Pode ser que seu grupo ache que pode usar uma estratégia diferente em cada fase do trabalho. Por exemplo, no início do planejamento, talvez vocês queiram trabalhar lado a lado, pelo menos até definirem o sentido geral do problema. Para a coleta de dados, vocês poderão achar mais eficaz irem à luta separadamente. E, nas fases finais da revisão, poderão querer trabalhar em turnos. Ao escrever este livro, misturamos as estratégias. No início, trabalhamos lado a lado até termos um esboço. Desenvolvemos então capítulos separados e voltamos a trabalhar lado a lado, quando nosso progresso exigiu, e sentimos que precisávamos revisar nosso plano (o que aconteceu três vezes, pelo menos). Na maior parte, entretanto, dividimos o trabalho, para que cada um redigisse capítulos independentes. Quando o texto ficou completo, trabalhamos em turnos, e o resultado foi que muitos capítulos assemelham-se bem pouco aos originais redigidos por um ou outro de nós.

O trabalho em grupo é difícil, e às vezes duro para o ego, mas também pode ser altamente compensador.

### Capítulo 3

## *De tópicos a perguntas*

Neste capítulo, você verá como usar seus interesses para encontrar um tópico, restringir esse tópico a uma dimensão controlável e, então, elaborar perguntas que serão o ponto central de sua pesquisa. Se você é um estudante avançado e já tem dezenas de tópicos aos quais gostaria de se dedicar, pode pular para o Capítulo 4. No entanto, se está começando seu primeiro projeto, achará este capítulo bastante útil.

### 3.1 Interesses, tópicos, perguntas e problemas

SE VOCÊ TEM LIBERDADE para se dedicar a qualquer tópico de pesquisa que o interesse, isso poderá ser frustrante – tantas escolhas, tão pouco tempo. Escolher um tópico, entretanto, é só o primeiro passo; portanto não pense que, tendo encontrado um, você só precisará procurar informações e relatar o que encontrou. Além de um tópico, você precisa encontrar uma razão (independente daquela de cumprir sua tarefa) para dedicar semanas ou meses pesquisando sobre ele e, então, pedir aos leitores que gastem tempo lendo a respeito dele.

Pesquisadores fazem mais do que cavar informações e relató-las. *Usam essas informações para responder à pergunta que seu tópico inspirou-os a fazer.* No princípio, a pergunta pode ser interessante apenas para o pesquisador: Abraão Lincoln era bom em matemática? Por que os gatos esfregam o focinho nas pessoas? Existe mesmo algo como um tom de voz perfeito inato? É assim que as pesquisas mais significativas começam – com uma comichão intelectual que apenas uma pessoa sente, levando-a a querer coçar-se. A uma certa altura, porém, o pesquisador tem de decidir se a pergunta e sua resposta serão *significativas*, de início para o pesquisador apenas, mas finalmente para outros: um professor, colegas, uma comunidade inteira de pesquisadores.

Chegando a esse ponto, ele precisa encarar sua tarefa de maneira diferente: deve ter como objetivo não só encontrar res-

posta para uma pergunta, mas propor e resolver um *problema* que, a seu ver, outras pessoas também acharão que vale a pena ser resolvido. Essa palavra “problema”, no entanto, tem um significado tão especial no mundo da pesquisa, que é o assunto do próximo capítulo inteiro. Levanta questões que poucos pesquisadores iniciantes estão preparados para resolver inteiramente, e que podem perturbar até mesmo um pesquisador mais experiente. Portanto, não se sinta intimidado se no princípio não puder encontrar em seu tópico um problema que outros julgariam digno de ser resolvido. Mas você nem sequer chegará a esse ponto, a não ser que se esforce para achar em seu tópico uma questão que pelo menos *você* considere que vale a pena propor.

Neste capítulo, focalizaremos os passos que conduzem à formulação de uma pergunta de pesquisa. Como transformar um interesse em um tópico de pesquisa? Como encontrar perguntas que possam orientar a pesquisa? Depois, como decidir se vale a pena dedicar-se a essas perguntas e respostas, não sob o ponto de vista do pesquisador apenas, mas também dos leitores? O processo é o seguinte:

- 1 – Encontrar um interesse numa ampla área temática.
- 2 – Restringir o interesse para um tópico plausível.
- 3 – Questionar esse tópico sob diversos pontos de vista.
- 4 – Definir um fundamento lógico para o projeto.

No próximo capítulo abordaremos uma questão mais perturbadora, a de converter perguntas em um *problema* de pesquisa.

### 3.2 De um interesse a um tópico

Pesquisadores experientes têm *interesses* mais do que suficientes a que se dedicar. Um interesse é simplesmente uma área geral de investigação que gostaríamos de explorar. As favoritas de nós três atualmente são: sociedade e linguagem, coerência e cognição textuais, ética e pesquisa. Mas, embora pesquisadores iniciantes também tenham interesses, às vezes acham difícil localizar entre eles um *tópico* adequado à pesquisa aca-

dêmica. Um tópico é um interesse específico o bastante para servir de base a uma pesquisa que possa ser relatada de maneira plausível em um livro ou artigo que ajudem outros a evoluir em compreensão e maneira de pensar: os sinais lingüísticos de mudança social na Inglaterra elisabetana, o papel dos roteiros mentais na criação de coerência do leitor, até que ponto a pesquisa atual é motivada por pagamentos feitos por baixo dos panos.

Se você está livre para estudar qualquer tópico dentro do razoável, só existe um clichê que podemos lhe oferecer: comece pelo que o interesse mais profundamente. Nada contribuirá mais para a qualidade de seu trabalho do que saber que vale a pena desenvolvê-lo e comprometer-se com ele. Inicie relacionando quatro ou cinco áreas sobre as quais gostaria de aprender mais, então escolha uma que ofereça o melhor potencial para produzir um tópico que seja específico e que possa conduzir a boas fontes de dados. Se você está em um curso avançado, é provável que se limite a assuntos que interessem a pessoas de seu campo de estudo, mas sempre é possível encontrar outros, consultando algum livro didático recente, conversando com outro estudante ou com seu professor. Você até pode tentar identificar um interesse que forneça um tópico para um trabalho de outro curso, agora ou no futuro.

Se ainda está confuso, aqui vai uma maneira de garimpar temas: se este é seu primeiro projeto de pesquisa em um curso de redação, procure na sala de leitura de sua biblioteca uma fonte bibliográfica geral ou um índice bibliográfico (discutiremos esses recursos mais detalhadamente no Capítulo 5 e nas “Sugestões úteis” subseqüentes). Se você é um estudante avançado, tente encontrar um índice especializado em seu campo de estudo, como, por exemplo, um índice sobre psicologia, sobre filosofia, e assim por diante. Então, corra os olhos pelos títulos até encontrar um que atraia seu interesse. Esse título não só fornecerá um possível tópico, mas também uma lista de fontes.

Se está redigindo seu primeiro relatório de pesquisa em um determinado campo e ainda não definiu um tópico, você poderá ir à biblioteca para descobrir onde estão as melhores fon-

tes a respeito. Se escolher o tópico e, depois de uma busca considerável, descobrir que as fontes são escassas, terá de recomençar. Ao identificar as áreas com recursos promissores, descobrirá os pontos fortes e fracos de sua biblioteca, o que significa que poderá planejar o projeto atual e os futuros mais cuidadosamente. (Se você está realmente confuso, procure mais orientações em “Sugestões úteis”, no final deste capítulo.)

### 3.3 De um tópico amplo a um específico

A esta altura, você corre o risco de escolher um tópico tão geral quanto o subtítulo de um verbete de enciclopédia: “Voo espacial, história do”; “Shakespeare, peças difíceis de”; “Espécies naturais, doutrina das”. É provável que um tópico que possa ser definido em menos de quatro ou cinco palavras seja geral demais. Caso encontre-se diante desse tipo de tópico, torne-o mais específico:

O livre-arbítrio e a inevitabilidade histórica em *Guerra e Paz*, de Tolstoi. → O combate entre o livre-arbítrio e a inevitabilidade histórica na descrição de três batalhas em *Guerra e Paz*, de Tolstoi.

A história da aviação comercial. → A contribuição do Exército para o desenvolvimento dos DC-3 nos primeiros anos da aviação comercial.

Restringimos esses tópicos, modificando-os com o acréscimo de palavras e frases. Nos exemplos acima, acrescentamos quatro substantivos especiais: *combate*, *descrição*, *contribuição* e *desenvolvimento*. Esses substantivos são especiais porque cada um deles está relacionado com um verbo: *combater*, *descrever*, *contribuir* e *desenvolver*. A certa altura, você terá de passar de uma frase que designa um tópico – “livre-arbítrio e inevitabilidade histórica em Tolstoi”, “história da aviação comercial” – para uma frase que estabeleça uma *afirmação*

potencial. Se você restringir seu tópico usando substantivos derivados de verbos, estará a um passo de uma afirmação que pode ser desafiadora o bastante para despertar o interesse de seus leitores. Compare estes exemplos:

Livre-arbítrio e inevitabilidade histórica em *Guerra e Paz*, de Tolstoi. → Há tanto livre-arbítrio quanto inevitabilidade histórica em *Guerra e Paz*, de Tolstoi.

O *combate* entre o livre-arbítrio e a inevitabilidade histórica na *descrição* de três batalhas em *Guerra e Paz*, de Tolstoi. → Tolstoi *descreve* três batalhas de um modo que faz o livre-arbítrio *combater* a inevitabilidade histórica.

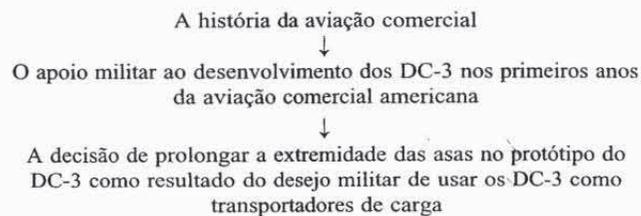
A história da aviação comercial. → A aviação comercial tem uma história.

A *contribuição* do Exército no *desenvolvimento* dos DC-3 nos primeiros anos da aviação comercial. → O Exército *contribuiu* na maneira pela qual os DC-3 *se desenvolveram* nos primeiros anos da aviação comercial.

Essas podem ainda não ser afirmações particularmente interessantes. Mas, uma vez que vai elaborar seu projeto final a partir de uma série delas, você deve, desde o princípio, aproveitar todas as oportunidades para conseguir os tipos de afirmações de que eventualmente precisará.

A vantagem de um tópico específico é que você reconhece mais facilmente os problemas, lacunas e inconsistências que poderá questionar. Isso o ajudará a transformar seu *tópico* em uma *pergunta* de pesquisa. (Se seguir nossa sugestão, de começar com um índice ou resumo, seu tópico já será restringido pelo título.)

Cuidado: você pode limitar demais seu tópico quando não consegue encontrar fontes com facilidade.



### 3.4 De um tópico específico a perguntas

Tendo encontrado um tópico que pareça *tanto* interessante quanto promissor, talvez algo como “origens e desenvolvimento políticos das lendas sobre a batalha do Forte Álamo”, o pesquisador iniciante tipicamente começa a procurar fontes e coletar informações – neste caso, versões da história dos séculos XIX e XX, em livros e filmes mexicanos e americanos. Pode, então, redigir um artigo resumindo as histórias, apontando diferenças e semelhanças, comparando-as com o que os historiadores modernos acham que realmente aconteceu, e concluir:

Portanto, há interessantes diferenças e semelhanças entre...

No primeiro ano de curso, um artigo desses pode ser suficiente para aprovar o aluno, demonstrando que ele consegue se concentrar num tópico, encontrar, reunir e apresentar dados de maneira coerente – uma conquista nada desprezível para um primeiro projeto de pesquisa. Mas, para alguém que deseje que sua pesquisa *tenha importância*, um resultado desses ainda não será o melhor.

Embora aprenda algo com o exercício de pesquisar e relatar as histórias do Forte Álamo, o autor apresenta apenas *informações*. Não elabora nenhuma *pergunta* que tanto ele quanto seus leitores possam achar que vale a pena fazer, e assim não pode apresentar nenhuma *resposta* significativa o bastante para mudar o que ele ou seus leitores pensam sobre aquelas histórias ou seu desenvolvimento.

Assim que encontrar um tópico para pesquisar, você deve procurar nele perguntas para responder. As perguntas são cruciais, porque o ponto de partida de uma boa pesquisa é sempre o que *você não sabe ou entende mas sente que deve conhecer ou entender*. Comece erguendo uma barragem de perguntas diante de seu tópico, formulando primeiro as habituais e óbvias de sua área:

*As lendas sobre a batalha do Forte Álamo refletem com exatidão nossos melhores relatos históricos? Os relatos históricos são contraditórios?*

Faça as perguntas-padrão *quem, que, quando e onde*. Anote suas perguntas, mas não pare para responder a elas.

Você pode organizar suas perguntas de acordo com as quatro perspectivas seguintes:

- 1 – Quais são as partes de seu tópico e a que conjunto maior ele pertence?
- 2 – Qual é a história desse tópico e em que história maior ele se inclui?
- 3 – Que tipos de categorias você encontra no tópico, e a que categorias maiores ele pertence?
- 4 – Até que ponto o tópico é bom? Com que finalidade você pode usá-lo?

(Não se preocupe em fazer as perguntas certas nas categorias certas; as categorias apenas servem para estimular as perguntas.)

#### 3.4.1 Identifique as partes e o todo

- Questione seu tópico de modo a analisá-lo em suas partes componentes e avaliar as relações funcionais entre elas:

*Quais são as partes das histórias sobre a batalha do Forte Álamo? Como elas se relacionam entre si? Quem participou das histórias? Como os participantes se relacionam com o lugar, o lugar com a batalha, a batalha com os participantes, os participantes entre si?*

- Questione seu tópico de modo que o identifique como um componente funcional num sistema maior:

*Como os políticos usaram o episódio? Que papel desempenha o episódio na história mexicana? Que papel ele desempenha na história americana? Quem contou as histórias? Quem as ouviu? De que maneira as histórias foram afetadas pela nacionalidade de quem as narrou?*

#### 3.4.2 Rastreie a história e as mudanças

- Questione seu tópico, tratando-o como uma entidade dinâmica que muda ao longo do tempo, como algo que tenha história própria:

*Como a batalha se desenvolveu? Como as histórias se desenvolveram? Como histórias diferentes se desenvolveram de maneira diferente? Como os ouvintes mudaram? Como os contadores das histórias mudaram? Como mudaram os motivos para contar as histórias? Quem contou as histórias primeiro? Quem as contou depois? Quem as leu e ouviu primeiro? Quem as leu e ouviu depois?*

- Questione seu tópico de modo que o identifique como um episódio em uma história maior:

*O que causou a batalha, as histórias? O que a batalha e as histórias causaram então? Como as histórias encaixam-se numa seqüência histórica? O que mais estava acontecendo quando as histórias surgiram? Quando elas mudaram? Que forças fizeram as histórias mudar?*

#### 3.4.3 Identifique categorias e características

- Questione seu tópico de maneira que defina a extensão de sua variação, o modo como as situações são parecidas e diferentes entre si:

*Qual é a história mais típica? Como as outras histórias diferem dela? Qual é a mais diferente? De que modo as histórias orais e escritas diferem das versões de cinema? Em que as histórias mexicanas são diferentes das americanas?*

- Questione seu tópico de modo que o localize em uma categoria maior de tópicos semelhantes:

*Que outras histórias da história americana assemelham-se à da batalha do Forte Álamo? Que outras histórias são muito diferentes? Que outras sociedades têm os mesmos tipos de histórias?*

#### 3.4.4 Determine o valor

- Questione seu tópico quanto a sua utilidade:

*As histórias são boas? Que uso já se fez delas? Ajudaram as pessoas? Prejudicaram-nas?*

- Questione seu tópico quanto à importância relativa de suas partes e características:

*Algumas histórias são melhores que outras? Qual versão é a melhor? Qual é a pior? Quais partes são as mais precisas? Quais são menos?*

#### 3.4.5 Revise e reorganize suas respostas

Ao terminar as perguntas, agrupe-as de maneiras diferentes. No exemplo do Forte Álamo, algumas perguntas relacionam-se com o desenvolvimento das histórias; outras referem-se a sua qualidade como fato ou ficção; outras destacam diferenças entre as versões (dos séculos XIX e XX, mexicanas e americanas, escritas e filmadas); outras perguntas abordam assuntos políticos, e assim por diante. Essas listas podem fornecer uma por-

ção de tópicos de pesquisa. Se forem independentes o bastante, poderão abrir universos de pesquisa, num efeito estimulante.

O próximo passo requer um julgamento mais cuidadoso. Em primeiro lugar, identifique as perguntas que precisam de uma resposta com mais de uma ou duas palavras. Perguntas que começam com *quem*, *que*, *quando* ou *onde* são importantes, mas tratam apenas de fatos reais. Dê mais importância a perguntas que comecem com *como* e *por que*. Então, note quais são as que o detêm por um momento, que o provocam, despertando um interesse especial. A essa altura, é claro, você não pode ter certeza de nada. Suas respostas talvez revelem-se menos surpreendentes do que você esperava, mas sua tarefa agora é apenas formular algumas perguntas cujas respostas *possam* ser tanto plausíveis quanto interessantes.

Depois de ter feito tudo isso, você terá dado seu primeiro grande passo num projeto que será mais do que apenas uma coleta de dados. Terá identificado algo que não sabe, mas que quer saber, e é o que você quer saber que o levará aos primeiros estágios de sua pesquisa. Você está pronto para reunir dados, um processo que explicaremos no Capítulo 5. No entanto, embora você já possa começar a reuni-los, o processo de definir seu projeto ainda não está completo.

### 3.5 De uma pergunta à avaliação de sua importância

Mesmo que você seja um pesquisador experiente, talvez não esteja apto a dar o próximo passo até o projeto estar bem adiantado, ou mesmo perto do fim. E, se você for um pesquisador iniciante, poderá achar esse passo especialmente frustrante. Assim que encontrar uma pergunta, você precisa formular outra e tentar responder: *E daí?*

*E daí se eu não sei ou não entendo como os gansos sabem para onde migrar no inverno, por que o Titanic foi tão mal projetado, como os violinistas do século XV afinavam seus instrumentos, por que os texanos contam uma história sobre o Forte Álamo e os mexicanos outra? E daí?*

Essa pergunta embaraça a todos os pesquisadores, principiantes e experientes, porque, para responder a ela, é preciso saber até que ponto a pesquisa é importante, não apenas para o pesquisador, mas para outras pessoas. Em vez de fazer essa pergunta diretamente, no entanto, você se aproximará mais da resposta se procurá-la em etapas.

#### 3.5.1 Passo 1: especifique seu tópico

Nos estágios iniciais de um projeto de pesquisa, quando você tem apenas um tópico e talvez os primeiros lampejos de algumas perguntas boas, tente descrever seu trabalho em uma frase como esta:

Estou aprendendo sobre/trabalhando em/estudando \_\_\_\_\_.

Preencha o espaço em branco com algumas frases nominais. Inclua um ou dois daqueles substantivos que podem ser convertidos em um verbo ou adjetivo:

Estou estudando *processos de reparos* em *sistemas de refrigeração*.

Estou trabalhando na *motivação* dos primeiros discursos do presidente Roosevelt.

#### 3.5.2 Passo 2: sugira uma pergunta

O mais cedo que puder, tente descrever seu trabalho com maior exatidão, acrescentando à frase uma pergunta indireta que especifique algo a respeito de seu tópico, que você não sabe ou que não entende perfeitamente, mas que quer saber ou entender:

Estou estudando X *porque quero descobrir quem/o que/ quando/onde/se/por que/como* \_\_\_\_\_.

Agora você deve preencher o novo espaço em branco com um sujeito e um verbo:

Estou estudando processos de reparos em sistemas de refrigeração, *porque estou tentando descobrir como* os especialistas nesses reparos analisam suas falhas.

Estou trabalhando na motivação dos primeiros discursos de Roosevelt, *porque quero descobrir se* os presidentes, desde os anos 30, usaram esses discursos para anunciar novas políticas.

Quando puder acrescentar uma oração do tipo *porque-quero-descobrir-como/por que*, você terá definido seu tópico e sua razão para investigá-lo. Se estiver trabalhando em um de seus primeiros artigos e chegou até aqui, parabéns, pois definiu seu projeto de um modo que vai além de uma coleção aleatória de informações.

### 3.5.3 Passo 3: motive a pergunta

Há, no entanto, mais uma etapa a ser cumprida. É uma etapa difícil, mas, se puder superá-la, você transformará seu projeto em algo que não apenas interessará a você, como poderá conquistar o interesse de outros, um projeto que explica com lógica por que sua pergunta é importante. Para tanto, você deve acrescentar um elemento que explique por que está fazendo a pergunta e o que pretende obter com a resposta.

Na Etapa 3, você acrescenta uma segunda pergunta indireta, iniciada por: *a fim de entender como, por que, ou se*:

- 1 – Estou estudando os processos de reparos em sistemas de refrigeração,
- 2 – porque quero descobrir como os especialistas nesses reparos analisam suas falhas,
- 3 – *a fim de entender como* projetar um sistema computadorizado que possa diagnosticar e prevenir essas falhas.

- 1 – Estou trabalhando na motivação dos primeiros discursos de Roosevelt,
- 2 – porque quero descobrir se os presidentes a partir dos anos 30 usaram esses discursos para anunciar novas políticas,
- 3 – *a fim de entender como* a fomentação do apoio popular à política nacional mudou na era da televisão.

Reunidas, as três etapas ficam assim:

- 1 – *Especifique seu tópico:*  
Estou estudando \_\_\_\_\_,
- 2 – *Formule sua pergunta:*  
porque quero descobrir quem/como/por que \_\_\_\_\_,
- 3 – *Estabeleça o fundamento lógico para a pergunta e o projeto:*  
para entender como/por que/o que \_\_\_\_\_.

Raramente um pesquisador consegue seguir esse modelo antes de começar a reunir informações. Na verdade, a maioria não consegue completá-lo até que tenha quase acabado o trabalho. Muitos, infelizmente, publicam seus resultados sem ter nem sequer pensado nessas etapas.

Embora no começo de seu projeto você não seja capaz de passar por todas essas etapas, é uma boa idéia testar seu progresso de vez em quando, vendo o quanto você pode avançar nesse sentido. Melhor ainda, peça a alguém – colega, parente ou amigo – para *forçá-lo* a seguir essa seqüência. A evolução de sua descrição o ajudará a manter-se informado sobre sua posição atual e a concentrar-se no rumo que precisa tomar.

Pode ser que na primeira tentativa de pesquisa não seja possível encontrar uma pergunta cuja resposta tenha muita importância para alguém, a não ser você mesmo. Mas só pelo fato de fazê-la você já irá agradar seu professor. À medida que avançar com seu projeto, entretanto, faça o possível para seguir o

modelo; tente encontrar uma razão para fazer sua pergunta, uma maneira de tornar sua resposta *importante* para você, talvez até mesmo para os outros.

Lembre-se de que seu objetivo final é explicar:

- o que está escrevendo – seu tópico.
- o que você não sabe sobre ele – sua pergunta.
- por que você quer saber sobre ele – seu fundamento lógico.

Quando puder alcançar esses três objetivos, você terá definido um motivo para seu projeto que vai além de simplesmente atender a uma exigência. Você saberá que tem um projeto de pesquisa *avançado* quando o que vem depois do *a fim de entender* é importante não só para você, mas também para seus leitores.

É quando começamos a pensar em nossos leitores que temos de mudar os termos de nosso projeto: de propor uma pergunta e responder a ela, mudamos para propor e resolver um problema, o assunto de nosso próximo capítulo.

## **Sugestões úteis:**

### *Descobrendo tópicos*

Se você for um pesquisador avançado, é bem provável que não precise procurar tópicos para pesquisar. Pode concentrar-se nas pesquisas existentes em sua área, as quais poderá encontrar sem dificuldade, correndo os olhos por artigos recentes e ensaios e, caso estejam disponíveis, dissertações recentes, em especial as sugestões de pesquisas futuras incluídas em suas conclusões. Se você for menos avançado, seu professor ainda esperará que focalize tópicos de sua área, embora não num estágio muito adiantado. A maior parte dos professores designará tópicos para serem escolhidos ou, pelo menos, indicará o tipo de tópicos a serem considerados.

Às vezes, no entanto, você precisará encontrar tópicos por conta própria e, se estiver numa classe de redação de primeiro ano, terá de procurar bons tópicos sem nem mesmo contar com um campo específico em que concentrar seus esforços. Se você precisa encontrar seu próprio tópico e lhe “deu um branco”, experimente examinar as seguintes fontes:

### *Tópicos focalizados num determinado campo de estudo*

1 – Consulte um livro didático de um curso um nível acima do seu, ou de um curso que você sabe que terá de fazer no futuro. Não negligencie as questões de estudo.

2 – Assista a uma conferência pública sobre sua área e preste atenção para encontrar algo de que discorda, que não entende ou sobre o que deseja aprender mais.

3 – Leia os títulos de tópicos em bibliografias especializadas e resumos.

4 – Folheie uma *Enciclopédia de...* específica do campo que esteja estudando.

5 – Pergunte ao seu orientador quais são as questões mais polêmicas em sua área.

6 – Se você tem acesso à Internet, procure uma “lista” especializada que o interesse e “observe” (leia as mensagens enviadas por outros) até encontrar temas discutidos.

### Tópicos gerais

1 – Pense em um assunto que o interesse de maneira especial – iatismo, ginástica, xadrez, trabalho voluntário, dança moderna – e investigue suas origens ou como é sua prática em outras culturas.

2 – Investigue um aspecto específico de um país que gostaria de visitar.

3 – Ande por um museu de qualquer espécie – arte, história natural, automóveis – até pegar-se observando alguma coisa com grande interesse. O que mais você gostaria de saber sobre essa coisa?

4 – Vagueie por um grande *shopping center* ou loja de departamentos, perguntando-se: “Como é que eles fazem isso?” ou “Gostaria de saber quem criou esse produto”.

5 – Folheie seu jornal de domingo, especialmente as seções de artigos e reportagens, até se ver parando para ler algo. Se for o caso, dê uma olhada nos artigos de fundo e na seção de livros.

6 – Vá a uma banca de revistas e olhe algumas, folheando. Compre uma revista que lhe pareça técnica e interessante. Procure especialmente revistas de negócios ou as que atendam a interesses altamente especializados.

7 – Folheie as revistas populares, comuns em salas de espera, como a *Seleções do Reader's Digest*, e procure um artigo com alguma afirmação importante sobre saúde, sociedade ou relações humanas e que se baseie em alguma alegada “evidência”. Descubra se é verdade.

8 – Preste atenção a programas de entrevistas na televisão ou no rádio, até ouvir um argumento de que discorde. Então,

pergunte-se se conseguiria encontrar informações suficientes para refutá-lo.

9 – Lembre-se da última vez em que discutiu acaloradamente sobre algum assunto importante e saiu frustrado porque não tinha os fatos de que precisava.

10 – Pense em algo em que você acredita, mas a maioria das pessoas, não. Então, pergunte-se se é o tipo de assunto sobre o qual poderia encontrar suficientes provas para convencer alguém.

11 – Pense em algumas crenças comuns, que todo o mundo tem como certas, mas que poderiam não ser, tal como a afirmação de que os esquimós têm um grande número de palavras para referir-se à neve, ou que um dos sexos é naturalmente melhor em algo do que o outro.

12 – Corra os olhos pelos títulos de bibliografias gerais.

13 – Pense em uma controvérsia popular que uma pesquisa poderia ajudar a esclarecer.

14 – Reúna-se com cinco ou seis amigos e entreguem-se todos a uma reflexão sobre o que mais gostariam de saber.